



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

DANIEL RODRIGUES GONÇALO

DE CIVIL A MILITAR: O SERVIÇO MILITAR OBRIGATÓRIO COMO UM RITO DE
PASSAGEM

Brasília
2025

DANIEL RODRIGUES GONÇALO

**DE CIVIL A MILITAR: O SERVIÇO MILITAR OBRIGATÓRIO COMO UM RITO DE
PASSAGEM**

Monografia apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília como um dos requisitos para a obtenção de grau de bacharel em Ciências Sociais, com habilitação em Antropologia.

Banca examinadora:

Dra. Christine de Alencar Chaves (Orientadora)

Dr. Luiz Eduardo Abreu

BRASÍLIA

2025

DEDICATÓRIA

A você, mãe, que não está aqui para receber esta dedicatória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família por me proporcionar a oportunidade de estudar e me formar.

Agradeço à Renata, minha prima e melhor amiga, por ter me acompanhado e apoiado nesta trajetória. Parece que foi ontem que ela me enviou um áudio avisando que eu fui aprovado na UnB.

Agradeço à minha orientadora, professora Christine de Alencar, por acolher o tema da minha pesquisa e me orientar ao longo desse processo, com conselhos e direcionamentos valiosos.

Agradeço ao meu noivo, Alison, pela paciência e pelo apoio durante a minha jornada na universidade. Agradeço ao professor Celso Castro, cujas obras tive o prazer de ler durante a graduação, e que se mostrou solícito e gentil ao conversar comigo sobre minha pesquisa. Seus direcionamentos e seus pontos de vista foram cruciais para dar vida a este trabalho.

Agradeço a todos que se dispuseram a conceder entrevistas e responder às minhas perguntas.

Acima de tudo, sou grato à Antropologia. Por meio dela, pude ter contato com a diversidade e compreender melhor a cultura e a beleza do nosso país, o Brasil.

Obrigado.

RESUMO

Este trabalho analisa, sob uma perspectiva antropológica, o serviço militar obrigatório do Exército Brasileiro como um rito de passagem, composto por uma série de ritos ao longo de sua duração. A pesquisa investiga como esses rituais contribuem para a construção da identidade militar dos jovens que ingressam anualmente, seja de forma compulsória ou voluntária. Para isso, foi conduzida uma pesquisa etnográfica no Batalhão de Polícia do Exército, em Brasília, ao longo do ano de 2024, acompanhando todas as etapas do serviço militar, desde o alistamento até a sua conclusão. O estudo demonstra que, apesar de sua aparência burocrática, o serviço militar está permeado por rituais que facilitam a transição entre o mundo civil e o mundo militar, categorias compreendidas pelos próprios participantes como profano e sagrado, respectivamente. O trabalho também discute as dificuldades de acesso à pesquisa em instituições militares e reflete sobre a importância da experiência pessoal do pesquisador como ferramenta metodológica no campo antropológico.

Palavras-chave: Antropologia, Exército Brasileiro, serviço militar obrigatório, ritos de passagem, identidade militar, sagrado e profano.

ABSTRACT

This work analyzes, from an anthropological perspective, the compulsory military service of the Brazilian Army as a rite of passage, composed of a series of rituals throughout its duration. The research investigates how these rituals contribute to the construction of the military identity of the young men who join annually, whether compulsorily or voluntarily. To this end, an ethnographic study was conducted at the Army Police Battalion in Brasília over the year 2024, following all stages of military service, from enlistment to completion. The study demonstrates that, despite its bureaucratic appearance, military service is permeated by rituals that facilitate the transition between the civilian and military worlds, categories understood by the participants themselves as profane and sacred, respectively. The work also discusses the difficulties of accessing research in military institutions and reflects on the importance of the researcher's personal experience as a methodological tool in the anthropological field.

Keywords: Anthropology, Brazilian Army, compulsory military service, rites of passage, military identity, sacred and profane.

(...) O antropólogo que faz pesquisa de campo deve usar seus olhos e suas experiências pessoais. (...) Os dados da antropologia provêm da vida real e não de anedotas de viajantes.

Edmund Leach

Não é preciso ir até as Ilhas Trobriand ou para Tikopia ou para Sarawak, a fim de observar o exótico ou praticar antropologia.

Edmund Leach

SUMÁRIO

Introdução	9
Capítulo 1: Principais etapas do serviço militar obrigatório	16
Capítulo 2: A incorporação	24
2.1 Descrição do Batalhão de Polícia do Exército de Brasília	26
2.2 A Semana Zero	32
2.3 Chegada do público civil ao local da cerimônia	37
2.4 Cerimônia de incorporação	37
Capítulo 3: Instrução Individual Básica (IIB)	47
3.1 Formatura da Boina:	58
Capítulo 4: Instrução Individual de Qualificação (IIQ)	69
Capítulo 5: O fim do serviço militar obrigatório	77
Considerações finais	81
Referências	83

Introdução

A antropologia brasileira já produziu excelentes trabalhos etnográficos sobre militares, e dentre as categorias de militares existentes, aqueles pertencentes às forças armadas especificamente — Exército, Marinha e Aeronáutica. Para citar apenas alguns dos trabalhos mais emblemáticos e que se tornaram referências neste tema, temos *O espírito militar*¹ de Celso Castro e *Meia Volta Volver*² de Piero Leirner. Ambos os trabalhos foram inovadores na época de suas publicações por trazerem uma perspectiva antropológica sobre o universo militar e por fugirem, de certo modo, dos temas clássicos da produção acadêmica do Brasil que, geralmente, abordavam o tema do militarismo sob um prisma histórico e/ou político. Em uma rápida pesquisa bibliográfica, encontraremos diversos trabalhos feitos por historiadores, sociólogos e cientistas políticos, mas poucos feitos por antropólogos. Ao mesmo tempo que esse foco dado por não antropólogos não deixa de ser igualmente legítimo e completamente válido dada a nossa história com o militarismo e as marcas que deixou em nossa sociedade.

Pensar o militarismo sob a ótica nativa e etnográfica, compreendendo como os próprios militares se enxergam e veem o mundo ao redor, é o diferencial das pesquisas de Celso Castro e Piero Leirner. Minha pesquisa também seguirá um caminho semelhante. Neste trabalho, busco trazer o ponto de vista nativo sobre o serviço militar obrigatório atrelado a um tema caro à antropologia.

Além disso, acredito que um consenso entre todos os estudiosos e pesquisadores da área militar seja a dificuldade de acesso à instituição, seja para realização de entrevistas ou condução de pesquisas de campo em quartéis e repartições militares. No melhor dos casos, enfrenta-se um processo repleto de burocracias; no pior, se depara com ausências de respostas e autorizações. Parte dessa dificuldade pode ser constatada nos trabalhos de Celso Castro e Piero Leirner ao pesquisarem os militares do Exército.

Durante minha pesquisa, não foi diferente. Desde o início enfrentei sérias dificuldades para acessar batalhões e repartições do Exército. Inicialmente eu acreditava que, por possuir um pequeno histórico dentro da instituição, como ex-soldado no ano 2012, conseguiria obter acesso com mais facilidade. Contudo, isso não ocorreu. Suponho que parte dessa dificuldade está relacionada à situação política brasileira envolvendo as Forças Armadas durante o ano 2024, marcada pela tentativa de abolição do Estado Democrático de Direito, liderada pelo então presidente do Brasil em conluio com o alto escalão das forças armadas.

Sempre que me aproximava dos militares para expor minha pesquisa e mencionava que fazia parte da Universidade de Brasília, percebia um certo receio, tanto em discutir o tema da pesquisa quanto

¹ Editora Zahar, 2021.

² Editora FGV, 1997.

em dialogar comigo sobre o assunto. Contudo, mantive meu compromisso com a pesquisa e busquei outras formas de realizá-la, utilizando fontes oficiais disponíveis — como sites, documentos e entrevistas gravadas —, bem como contatos informais e extraoficiais que consegui estabelecer com alguns militares.

Vale destacar que parte do material etnográfico desta pesquisa é fruto da experiência pessoal que tive com a instituição do Exército no ano 2012, onde precisei cumprir o serviço militar obrigatório assim que completei 18 anos de idade. Esse material pessoal utilizado na pesquisa foi adicionado ao material que recolhi durante o trabalho de campo em 2024 no mesmo batalhão onde cumpri o serviço militar, o Batalhão de Polícia do Exército de Brasília.

Partir de uma experiência pessoal e torná-la parte do objeto de pesquisa pode parecer, em um primeiro momento, algo complicado de se manejar quando se busca um certo distanciamento que é próprio da antropologia e de outras ciências. Contudo, tendo em vista o difícil acesso a essa instituição do Estado brasileiro, o olhar privilegiado que tive em 2012, juntamente com os materiais que adquiri naquele mesmo período — como fotos, vídeos e contatos — me permitiram observar de forma mais profunda esse mundo pouco explorado pela antropologia brasileira.

Dito isto, parte do material apresentado e utilizado nesta pesquisa é proveniente da minha vivência pessoal durante o ano 2012 confrontado com o que recolhi enquanto antropólogo durante o ano 2024. Vale lembrar a reflexão trazida por Edmund Leach em seu texto *Once a knight is quite enough: como nasce um cavaleiro britânico*, onde na ocasião ele se valeu do olhar antropológico para analisar o rito de iniciação ao qual foi submetido em 1975, quando foi nomeado Cavaleiro pela Rainha Elizabeth II:

O cerne da antropologia de Malinowski era sua tese de que o antropólogo que faz pesquisa de campo deve usar seus olhos e suas experiências pessoais, em vez de apenas perguntar aos “informantes” sobre “costumes” que, na opinião dele, talvez fossem apenas produto da imaginação. Os dados da antropologia provêm da vida real e não de anedotas de via jantes. (LEACH, 2000:1)

Portanto, lançar mão das experiências pessoais não é somente permitido, mas muitas vezes necessário no fazer antropológico.

*

Como pontuei no início desta introdução, esta pesquisa está focada principalmente nos chamados “recrutas” que ingressam no Exército pelo serviço militar obrigatório e que ocuparão o cargo de soldado, a patente mais baixa dentro da hierarquia militar, vale ressaltar. Frisar a questão hierárquica é necessário, pois ela influencia e determina parte da dinâmica dentro do Exército, visto que a hierarquia e disciplina são os pilares da instituição, Castro (2021) e Leirner (1997).

Meu interesse antropológico por este grupo surge da relação que busco estabelecer entre o serviço militar obrigatório e a antropologia dos rituais. A conexão entre militarismo e rituais não é novidade; pelo contrário, já foi abordada nos trabalhos de Castro e Leirner mencionados anteriormente. No entanto, minha contribuição para o tema está em aprofundar, por meio do olhar etnográfico, a relação direta entre o serviço militar obrigatório e os ritos de passagem, amplamente estudados pela antropologia.

Ainda assim, embora os ritos sejam um objeto clássico da antropologia, sua presença na vida cotidiana muitas vezes é negligenciada ou subestimada. Constantemente, deixam-se de lado os rituais ou não se reconhece sua importância na experiência social. Se, por curiosidade, perguntarmos a alguém o que é um rito ou um ritual, ou pedirmos que fale sobre eles, muito provavelmente ouviremos uma resposta depreciativa. Dirão, talvez, que a prática ritual não passa de algo primitivo, retrógrado e ultrapassado ou, como disse Esther Jean Langdon em seu texto *Rito como Conceito Chave para a Compreensão de Processos Sociais*, que se trata de algo que “invoca uma imagem negativa de um ato formal, repetitivo e sem sentido” (LANGDON, 2007: 5).

Essa visão depreciativa contrasta com a importância dos rituais na organização das sociedades, sejam elas tradicionais ou modernas. Todas, a seu modo, classificam certos mundos como sagrados e profanos, entre os quais seus membros transitam ao longo da vida do grupo que as compõe. Como afirma Mariza Peirano em *Rituais ontem e hoje*, 'os rituais são bons para transmitir valores e conhecimentos e também para resolver conflitos e reproduzir as relações sociais' (PEIRANO, 2003: 10).

À primeira vista pode parecer estranho ou soar desconexo a relação entre o serviço militar obrigatório e os ritos de passagem, porém esta relação é mais forte e presente do que muitos imaginam. Veremos que o serviço militar obrigatório não é somente um grande rito de passagem, mas um grande evento anual marcado por diversos ritos de passagens que visam marcar a passagem do mundo civil ao mundo militar. Usarei para esse relato envolvendo militares a mesma distinção trazida por Celso Castro em seu livro “O espírito Militar” (2021) em que apresenta ao leitor a distinção clássica dentro do universo militar entre os militares e os cidadãos comuns. Sempre se referindo aos não-militares como *civis* em oposição aos militares. Temos, portanto, uma dualidade entre *civis* e *militares*.

*

Esta pesquisa foi realizada efetivamente durante o ano 2024. Mas a preparação começou em meados de 2023, quando estava delineando os tópicos principais queria pesquisar depois que tive uma série de contato com textos etnográficos clássicos sobre rituais. Dado que o serviço militar obrigatório se inicia nos primeiros meses de cada ano e vai de março a dezembro, o objetivo inicial era realizar uma pesquisa de campo que pudesse acompanhar, *in loco*, o processo integral do

treinamento dos recrutas durante os 10 meses. A proposta, portanto, era acompanhar de perto a incorporação dos recrutas, a rotina diária no quartel, as atividades programadas do treinamento, participar, presencialmente, do treinamento de campo que os militares realizam durante o ano, bem como entrevistar alguns recrutas e outros militares responsáveis pelo treinamento do efetivo. Porém, devido ao difícil acesso ao Exército, parte do rumo da pesquisa mudou para se adequar à realidade que se apresentava naquele momento.

Diante dos obstáculos encontrados em 2023 e 2024 ao tentar diversas vezes obter uma autorização formal por vias institucionais, com idas ao batalhão, envio de e-mails e ligações, busquei identificar brechas e oportunidades que alguém sem conhecimento prévio da rotina militar dificilmente conseguiria. Sabendo que algumas cerimônias são abertas ao público e que civis podem ter acesso ao batalhão, procurei contatos internos para obter informações privilegiadas sobre datas e horários desses eventos.

Nessas tentativas de encontrar contatos e informantes de dentro do batalhão e não tendo a possibilidade de adentrar as instalações para isso, acabei realizando algumas idas a campo nas proximidades do batalhão em Brasília. Estrategicamente, ficava sempre em frente ao batalhão aguardando a saída de alguns recrutas para que pudesse abordá-los e falar da minha pesquisa, na esperança de que alguns deles se interessassem em contribuir.

Em todas as abordagens que fiz, notava sempre uma postura defensiva e apreensiva com minha aproximação e mais ainda quando falava sobre o motivo do meu contato. A forma mais estratégica que encontrei naquele momento era mencionar que já cumpri o serviço militar anos atrás e que, portanto, não era um completo estranho, pois conhecia um pouco sobre aquele universo. Como dizem os militares do Batalhão de Polícia do Exército: *Uma vez PE, sempre PE*.

Felizmente, consegui alguns contatos e por meio deles obtive informações de dentro daquele quartel. Recebia informações dos horários e datas das formaturas e cerimônias com antecedência o que facilitava programar minhas idas a campo no local. Todos os contatos oficiais que realizei não me forneciam informações exatas e concretas.

Os materiais coletados para esta pesquisa são, em sua maioria, provenientes do trabalho de campo que realizei durante as cerimônias abertas ao público no batalhão — eventos de grande importância no contexto estudado. Além dessas observações formais, minhas visitas extraoficiais ao batalhão permitiram registrar momentos significativos por meio de vídeos e fotografias que compartilho ao longo da pesquisa. Também tive acesso a arquivos e documentos oficiais disponíveis na internet, que, apesar de seu caráter público, possuem relevância para a análise. Somam-se a esse conjunto as entrevistas e conversas que mantive com alguns militares.

A combinação desse material empírico e documental, aliada à análise antropológica dos rituais, permitirá ao leitor e à leitora uma compreensão aprofundada de um universo pouco explorado na

antropologia: o serviço militar obrigatório. Ao lançar luz sobre esse rito de passagem, tão presente na vida de muitos brasileiros do sexo masculino ao atingirem a maioridade, a pesquisa evidencia um fenômeno que, apesar de sua importância, muitas vezes passa despercebido.

*

Ao analisarmos os ritos de passagem no Exército sob um viés antropológico, remetemos ao estudo clássico que consagrou esse tema na antropologia. Refiro-me à obra de Arnold Van Gennep, *Os Ritos de Passagem*, na qual, a partir de um conjunto de dados etnográficos, Van Gennep estabelece o conceito de *rito de passagem*. Van Gennep parte do princípio de que toda sociedade é, de alguma maneira, dividida, como se fosse composta por diferentes mundos ou sociedades, cada uma com seus próprios contornos e certa autonomia. Essa divisão está presente tanto em pequenas sociedades tradicionais quanto nas grandes sociedades modernas.

O autor expõe que, dentre esses mundos e/ou sociedades, alguns são considerados sagrados e outros, profanos. Consequentemente, há momentos em que os indivíduos dessas sociedades precisarão transitar entre esses mundos. Um exemplo disso é quando alguém precisa tornar-se um sacerdote ou assumir uma posição sagrada dentro daquele universo. E é entre essas transições que os ritos de passagem atuam. São necessárias cerimônias e ritos que medeiam essas mudanças de *status* social seja ele qual for.

Do ponto de vista da antropologia dos rituais, essa mediação não é um simples ato simbólico e evento cultural, ela existe porque parte-se do princípio que entre o mundo sagrado e o mundo profano haja uma incompatibilidade que lhes são próprias, pois ambos são diferentes em sua natureza e composição. E a passagem de um para o outro, por conseguinte, não pode acontecer sem que haja um estágio intermediário que Van Gennep chamou de *rito de passagem*. Os ritos de passagem servem para mediar a passagem entre esses dois mundos.

Contudo, estas passagens não se limitam somente à sociedade. A própria vida individual, qualquer que seja a sociedade, também é marcada por diversas passagens durante seu curso. Passa-se de uma idade a outra, passar-se de um cargo a outro e todas essas alterações na vida de um indivíduo implica em ações e reações que se resvalam entre o profano e sagrado, “ações e reações que devem ser regulamentadas e vigiadas, a fim de a sociedade geral não sofrer nenhum constrangimento ou dano.” (VAN GENNEP, 2019: 24)

Influenciado por Van Gennep, Victor Turner, em seu texto “*Betwixt and between: o período liminar nos ‘ritos de passagem’*” reforça a existência dos ritos de passagem em todas as sociedades. Diz ele:

Ritos de passagem existem em todas as sociedades, mas tendem a alcançar a sua expressão máxima nas sociedades de pequena escala, relativamente estáveis e cíclicas, onde a mudança

está em estreita correlação com as recorrências e ritmos biológicos, muito mais do que com as inovações tecnológicas. (TURNER, 2005: 137)

Proponho reiterar que a noção de sagrado e profano ainda se mantém presente dentro do que comumente chamamos de “sociedade moderna” amparada por seus aparatos legais, científicos e laicos. Ela não se limita somente aos grupos isolados e às sociedades tradicionais que corriqueiramente costumamos estudar.

Van Gennep propõe que os ritos de passagem são compostos de três fases: *ritos de separação*, *ritos de margem* e *ritos de agregação*. Os *ritos de separação* se referem ao “comportamento simbólico” que atua no afastamento do indivíduo ou grupo de sua posição anterior dentro da estrutura social da qual faz parte, onde deixa de exercer aquelas funções que realizava outrora. Já os *ritos de margem* ou liminares, trazem a este indivíduo um estado ambíguo muitas vezes marcado por situações que emulam a morte e o nascimento ou até mesmo com situações de mutilação do corpo e outras que buscam provocar a humilhação do noviço, tudo isso evidenciando que as características passadas ou futuras estão ausentes naquele momento. Ele as perde. E os *ritos de agregação* servem juntamente para concluir a passagem de um mundo para outro.

Victor Turner, em seu texto *"Betwixt and Between: O período liminar nos ritos de passagem"*, reflete sobre algumas propriedades socioculturais da *liminaridade* que precisam ser mencionadas. Ele parte da noção de que o modelo básico da sociedade é o de uma estrutura, e o período *liminar* se caracteriza como uma situação interestrutural, marcada pela indefinição, ambiguidade e invisibilidade do sujeito *liminar*. O indivíduo que ocupa essa posição deve se afastar do lugar que ocupava na estrutura social, adquirindo uma condição ambígua e isomorfa, essencial para o processo de transformação. Esse percurso visa destituí-lo de sua antiga forma e conduzi-lo a uma nova. Nesse processo, ele perderá seu nome, sua aparência física, seu *status* e sua individualidade. Por serem considerados impuros ou contaminados, esses indivíduos não podem adentrar o mundo sagrado sem antes passarem por rituais de purificação.

Portanto, se a sociedade é uma estrutura composta por posições inter-relacionadas, os indivíduos em condição *liminar*, durante a transformação ou mudança de *status*, estarão sempre em uma posição interestrutural dentro da estrutura à qual pertencem. E a todo instante esse processo é mediado por ritos de passagem.

Aplicando essas breves definições ao nosso objeto, o mundo civil e o mundo militar compõem, portanto, dois universos diferentes entre si e que aqui classificaremos como sendo o mundo militar (sagrado) e o mundo civil (profano). O jovem que passa pelo processo do serviço militar deverá, portanto, sair do mundo civil para entrar no mundo militar. A passagem do *status* de civil — um não-

militar — para o *status* de militar não prescinde dos *ritos de separação* para essa mudança, na qual estes indivíduos deverão sair do mundo profano do qual faziam parte.

No caso do serviço militar obrigatório um dos *ritos de separação* se apresenta através da chamada “cerimônia de incorporação”, podendo ocorrer também durante o período de aquartelamento³ previsto no início do treinamento, onde passam dias dentro do quartel sem poder sair. Todos esses procedimentos ou ritos indicam que esses indivíduos ainda não são aptos a adentrarem no mundo militar sem uma preparação prévia, como veremos a seguir.

Os *ritos de margem* ou *liminar* se apresentam de diversas maneiras visam ressaltar a ambiguidade e indefinição destes recrutas enquanto passam pelo treinamento. Neste momento perdem seus nomes, suas características individuais e todo e qualquer *status* civil que eventualmente possa ter. E por fim, os *ritos de agregação* que oficializarão o novo *status* desses militares por meio de cerimônias e formaturas que marcaram a mudança gradual e cronológica dos futuros soldados. Dessa maneira, todos esses ritos têm como objetivo principal mediar a passagem do mundo profano (civil) ao mundo sagrado (militar) para que este último não se desintegre ou se contamine.

A noção de “sagrado” e “profano” neste contexto parte da lógica de que anualmente um grupo de jovens brasileiros com nenhum ou quase nenhum conhecimento sobre o militarismo terão, pela primeira vez, um contato direto com um universo repleto de símbolos, regras e lógicas que lhes são próprias. E o fato de serem um ambiente pouco conhecido e pouco explorado pelo mundo civil já demonstra o forte zelo e cuidado ao compartilharem com aqueles que não são militares. Veremos mais adiante que é real um sentimento de superioridade do mundo militar em relação ao mundo civil. O uso do termo “superioridade” não visa atribuir valor ao ponto de vista nativo. Os próprios militares, ao se referirem aos dois mundos, ressaltam o quão positivo e benquistos são os valores militares enquanto o mundo civil possui valores e ideologias que são questionáveis ou socialmente problemáticos.

Todos esses elementos da transformação serão construídos e estarão fortemente presentes durante a fase de *margem* ou *liminaridade*. Por esse motivo, darei um enfoque maior a ela durante o texto, pois nela estará nítido o processo de construção do que Celso Castro chamou de o *Espírito Militar*.

³ Aquartelamento é o termo usado para indicar a situação em que o militar fica dentro das instalações do quartel sem a possibilidade de sair. Deve ficar no local por algum tempo determinado onde todas as atividades e rotinas são realizadas dentro do batalhão: Repouso, alimentação, serviço e atividade física.

Capítulo 1

Principais etapas do serviço militar obrigatório

No Brasil, segundo o Art. 143 da Constituição Federal de 1988, o serviço militar é obrigatório para todos os brasileiros do sexo masculino. Atualmente, a lei que rege o tema é a Lei nº 4.375, de 17 de agosto de 1964, intitulada “Lei do Serviço Militar”, na qual todas as especificidades relativas ao serviço militar são apresentadas. Segundo a lei, “o Serviço Militar consiste no exercício de atividades específicas desempenhadas nas Forças Armadas — Exército, Marinha e Aeronáutica — e compreenderá, na mobilização, todos os encargos relacionados com a defesa nacional.” (Lei nº 4.375/64).

O caráter obrigatório do serviço militar sempre esteve presente na legislação brasileira sempre que se pretendia regulamentar a prática no país. Por vezes o caráter obrigatório esteve atrelado ao objetivo de ampliar o efetivo militar para atuar na defesa do território brasileiro em tempos de guerra. Todas as discussões que estavam em torno do tema dentro do parlamento brasileiro era influenciada, em grande parte, por práticas adotadas em países europeus, como a França e o Reino Unido.

Anterior à lei que ainda vigora no Brasil, tivemos a Lei nº 1.860, de 4 de janeiro de 1908, que foi uma das leis que buscaram regulamentar o recrutamento e o serviço militar no Brasil. Neste período, o serviço militar no Brasil era obrigatório por meio de um recurso chamado 'sorteio militar', pois era considerado a forma mais moderna e racional de recrutamento naquele momento. Esse sorteio visava compor o efetivo das Forças Armadas, recrutando na população brasileira jovens aptos para essa função. O sorteio era realizado anualmente entre jovens de 20 a 28 anos para incorporá-los ao Exército criando assim a reserva de militares de que se precisava.

Tanto a Lei nº 1.860/1908 quanto a Lei nº 2.556/1874, que previam o sorteio militar e obrigatoriedade, também permitiam o alistamento voluntário para aqueles que tinham interesse. No entanto, essa forma alistamento não se tornou o único meio de recrutamento, pois sabia-se que a adesão da população seria baixa. Isso se devia ao fato de que, no Brasil Império, a instituição militar não era bem vista e o serviço militar era considerado como algo degradante. Por esse motivo, a obrigatoriedade tornou-se a principal ferramenta para a aquisição de força de trabalho na composição do Exército e na defesa nacional. Segundo o texto de Vinicius Tadeu:

Seguindo uma lógica implantada no período colonial, o recrutamento militar tinha como aspecto ser forçado, sinônimo de violência e arbitrariedades, consistindo em um mecanismo eficaz de controle social. A população brasileira de homens livres pobres tinha aversão ao serviço militar, pois além de ser uma instituição de caráter punitivo devido aos inúmeros castigos recebidos pelos recrutas a remuneração obtida para fazer parte das fileiras do

Exército era ínfima. Desta forma ser recrutado para o Exército era considerado algo degradante. (DOS SANTOS, 2020)

Contudo, a obrigatoriedade do serviço militar também era vista por alguns intelectuais da época como um potencial educativo e disciplinador sobre as massas. Desse modo, as forças armadas serviriam como uma alternativa ao sistema educacional promovendo um senso de nacionalidade. Assim os recrutas que saíssem da caserna, saíam como cidadãos inculcados com valores nacionais importantes.

*

Atualmente, todo jovem brasileiro do sexo masculino, ao completar 18 anos de idade, deve realizar o alistamento militar. Esse procedimento prevê a apresentação formal deste cidadão às autoridades militares brasileiras, que pode resultar no cumprimento do tempo mínimo previsto pela lei do serviço militar obrigatório em uma unidade militar próxima à sua residência, ou na dispensa do serviço militar, conforme as exceções legais. Em caso de dispensa, o jovem se torna, portanto, um reservista. Segundo a Lei 4.375, o tempo mínimo do serviço militar obrigatório é de 12 meses, podendo ser prolongado ou antecipado em algumas circunstâncias específicas⁴.

O procedimento de alistamento em si prevê algumas etapas que todos esses jovens deverão cumprir durante o período em que estão completando a maior idade e, para análise pretendida neste texto, considero importante tratá-las aqui a fim dar uma dimensão mais profunda dessa etapa obrigatória para a grande maioria dos jovens brasileiros.

Segundo a lei, o período de recrutamento é composto por cinco etapas: *alistamento, seleção geral, designação militar, seleção complementar e incorporação*. Essas etapas têm o objetivo de selecionar aqueles que farão parte do efetivo variável e integrarão o grupo denominado "praças" das Forças Armadas.

Por meio do serviço militar obrigatório, não é possível alcançar as patentes mais altas da hierarquia militar no Brasil. Esse serviço prevê, no máximo, o cargo de sargento temporário, que ainda faz parte da categoria de "praça". Caso alguém deseje tornar-se um militar oficial e ocupar posições mais elevadas na hierarquia, deverá ingressar em uma escola de formação, como a AMAN (Academia Militar das Agulhas Negras). Os jovens que entram diretamente nessa instituição estão isentos do serviço militar obrigatório.

Como apontou Castro em sua pesquisa, e conforme será abordado ao longo deste texto, os jovens que ingressam na AMAN e se tornam militares de carreira geralmente possuem algum histórico militar na família e, muitas vezes, escolhem seguir o mesmo caminho de seus familiares.

⁴ Segundo a lei 4.375, somente em casos específicos esse prazo pode ser alterado. Veja o que diz o § 1º da lei: "Em tempo de guerra, esse período poderá ser ampliado, de acordo com os interesses da defesa nacional."

Diferentemente dos jovens que entram para as Forças Armadas pelo serviço militar obrigatório, que costumam ter uma origem social menos privilegiada, oriundos de classes sociais mais baixas, os militares oficiais geralmente têm sua origem na classe média brasileira.

É importante ressaltar, como um dado antropológico relevante, que a escolha desses jovens, com base no texto oficial da lei, leva em consideração os seguintes aspectos dos candidatos: *físico, cultural, psicológico e moral*. Parte destes atributos visam selecionar perfis de jovens que se adequem ao universo militar e que possam interiorizar facilmente a hierarquia e a disciplina que são a espinha dorsal do militarismo, além de lidar bem com ambientes de pressão e estressores.

De acordo com as informações oficiais dos centros de comunicação do Exército, a seleção de jovens leva em consideração diversos critérios. Prioriza-se candidatos com bom condicionamento físico e saúde adequada, além de algum grau de alfabetização, sendo capazes de ler, escrever e demonstrar habilidades educacionais básicas.

Também são escolhidos aqueles sem diagnósticos de condições de saúde mental que possam impactar o desempenho nas atividades. Outro critério importante é o perfil moral considerado adequado, o que inclui a ausência de antecedentes criminais ou envolvimento com práticas ilegais. Além disso, espera-se que os selecionados tenham inclinação para valores como honestidade, respeito à verdade, prontidão para cumprir ordens e o uso responsável da autoridade, sem prepotência⁵. Os militares costumam destacar esses aspectos como características fundamentais do caráter militar.

*

Sempre que nos introduzimos na temática do serviço militar obrigatório, nos deparamos inevitavelmente com o já mencionado período de alistamento. Na grande maioria das vezes essa etapa inicial do processo é largamente divulgada pelo governo federal, estadual e municipal em propagandas de TV e rádio ou em páginas oficiais nas redes sociais fazendo a convocação desses jovens ao alistamento e a para a devida regularização das suas situações. Quem nunca viu uma propaganda de televisão do Exército anunciando o período de alistamento com todas aquelas imagens e referências ao universo militar com armas, tanques de guerra e aviões?

Vejamos algumas das propagandas veiculadas no Brasil:

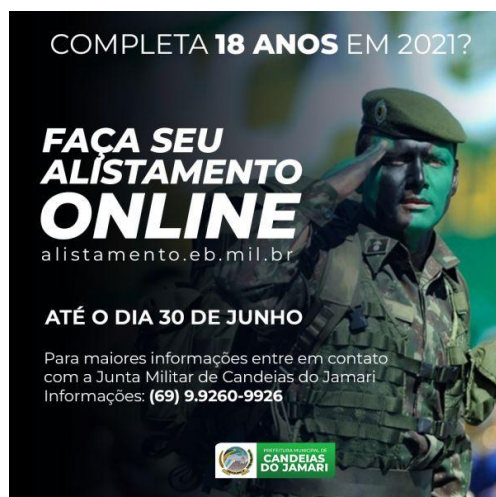
⁵ Esses tópicos costumam ser escritos e memorizados pelos militares durante seu treinamento. Prova disso é que essas palavras estão escritas nos muros de uma companhia no BPEB como um lema a ser repetido e interiorizado constantemente.

Propaganda feita pela prefeitura de Búzios - RJ



Fonte: <https://buzios.rj.gov.br/>

Propaganda feita pela prefeitura de Candeias de Jamari - RO



Fonte: <https://candeiasdojamari.ro.gov.br/>

Propaganda feita pela prefeitura de Sorriso- MT



Fonte: <https://site.sorriso.mt.gov.br/>

O processo de alistar-se nas forças armadas está para além do desejo ou da afinidade com a carreira militar. Ele é tão importante que qualquer irregularidade com a justiça militar pode trazer consequências práticas na vida cotidiana como, por exemplo, não poder assumir cargos públicos, ingressar em universidades ou retirar e/ou renovar o passaporte. Prova disso é que toda pessoa do sexo masculino que passou pelo processo de alistamento, seja como reservista ou como alguém que “serviu” às forças armadas, já foi solicitado o documento que atesta a regularidade junto ao órgão competente. Há, para além do ponto de vista antropológico, uma necessidade prática com a regularidade com a justiça militar brasileira para toda pessoa do sexo masculino.

O processo de alistamento se inicia, como assinalai anteriormente, no momento em que o jovem do sexo masculino completa 18 anos de idade. Atualmente é possível realizar o *alistamento* presencialmente em uma junta militar na região onde reside ou por meio do site oficial disponibilizado para aqueles que desejam fazê-lo de forma virtual (<https://alistamento.eb.mil.br/>). Essa primeira etapa, o **alistamento**, deve ocorrer entre os períodos de 01 de janeiro a 30 de junho. É um processo relativamente simples que marca o início dessa fase da vida que, como veremos mais adiante, representará um momento marcante e relevante para alguns jovens brasileiros que vão efetivamente viver uma experiência militar durante doze meses. Após o alistamento na junta militar ou no site, a segunda etapa é a **seleção geral** na qual todos devem se dirigir presencialmente a algum centro de seleção das forças armadas. A etapa de seleção costuma ocorrer no ano anterior à incorporação, dado que o alistamento se inicia no ano em que o jovem completa 18 anos. Para esta segunda etapa, cabe aqui algumas considerações importantes.

Ao se dirigirem ao centro de seleção das forças armadas que foi previamente designado, e que provavelmente está localizado em alguma zona militar da cidade, alguns desses jovens terão pela primeira vez o contato com o universo militar tendo a oportunidade de ver alguma instalação militar. Essa informação pode ser confirmada com base nos relatos de alguns entrevistados com quem falei durante a pesquisa. Um entrevistado de 21 anos com quem falei no dia 30 de março de 2024 me disse que seu primeiro contato com universo militar foi durante o serviço militar, antes disso, não havia nenhum histórico militar em sua família. “Eu não sabia nada do Exército, nada, nada, nada. Eu, literalmente, achava que o Exército era só pintar meio fio e lavar banheiro.” (Entrevistado 1).

A mesma coisa ocorreu com outro entrevistado de 18 anos com quem falei no dia 21 de abril de 2024 que teve seu primeiro contato durante o serviço militar. Toda aquela vivência era nova e diferente. O entrevistado 1 relatou o seguinte sobre sua ida para o Exército:

Não foi muito incentivo, não. Eu estava fazendo curso de técnico de enfermagem. Me arrependi de ter saído de lá (risos). Só que no meio do curso comecei a não me identificar

mais e aí eu decidi sair. Quando eu saí do curso aí eu pensei o quê: “vou pro Exército”. Depois dos 3 meses todo mundo fala que é de boa. Mas pelo que eu tô vendo não vai ser não. E aí foi isso. (Entrevistado 2)

E por fim, vale destacar que o recruta que vai servir não possui, *a priori*, poder de decisão e escolha em qual unidade militar prestará o serviço ou mesmo em qual Força servirá. Não é uma opção dada no momento do alistamento, sendo a designação uma prerrogativa da instituição com base nos seus interesses em preencher as vagas destinadas aos recrutas. A não ser nos casos de “peixadas”, termo nativo para aqueles que têm algum contato privilegiado ou conhecido dentro de algum batalhão ou repartição militar. Dessa forma, ele teria a possibilidade de uma intervenção no processo de designação e servir em um local onde conheça alguém e que tenha algum interesse prévio. Geralmente o militar conhecido de quem será “peixe” leva o CAM (Certificado de alistamento militar) para o setor responsável do batalhão pela seleção e lá este militar “peixe” será convocado.

Além disso, todo o processo de seleção das forças armadas visa preencher o número previsto de conscritos para cada força — Exército, Marinha, Aeronáutica — mesmo em uma local que não seja no litoral do Brasil como o caso do Distrito Federal. Em Brasília, por exemplo, tem o Comando do 7º Distrito Naval que realiza a seleção de recrutas para o serviço militar obrigatório, ou seja, o jovem que for convocado para servir na marinha passará pelo mesmo processo de seleção que as demais forças e isso vale para a aeronáutica.

A ida ao centro de seleção prevê uma avaliação médica, física, psicológica e educacional desses jovens. Eles são submetidos a alguns exames médicos como pesagem, altura, exame de vista onde informam se possuem alguma doença, limitação física etc., e testes físicos de força, e de aptidão. Essa fase avaliativa é considerada eliminatória onde muitos serão dispensados naquele momento por conta de alguma limitação física e psicológica que eventualmente possam ter. De forma geral, pessoas com algum problema grave de saúde ou problemas físicos não prestam o serviço militar obrigatório.

Caso a pessoa tenha interesse em prestar o serviço militar obrigatório e não queira ser dispensada nesta primeira etapa e não tenha nenhuma “peixada”, segundo alguns relatos, é interessante mencionar ao entrevistador alguma habilidade ou experiência profissional considerada útil para eles, como por exemplo, conhecimento de mecânica automotiva, experiência culinária, trabalhos voltados para construção civil, etc. Parte dessas habilidades podem ser aproveitadas e usadas durante esse período já que parte do serviço militar obrigatório prevê o direcionamento desses jovens para repartições dentro dos quartéis após o Período Individual de Qualificação que falarei mais adiante. Esses futuros soldados podem atuar em diversas funções, como oficinas mecânicas, setor de relações públicas do batalhão, atividades de construção ou preparo de refeições nos refeitórios, entre outras.

A terceira etapa é chamada de **designação militar**. Como parte do processo de triagem, onde uma parte dos alistados foi dispensada, nesta etapa o jovem toma conhecimento em qual unidade militar e força ele deve se apresentar para dar seguimento ao processo de alistamento atendendo às necessidades das Forças Armadas. Saber em qual unidade militar se apresentar é muito importante, pois as Forças Armadas possuem diversos batalhões com funções específicas, dependendo da força a que pertencem: Exército, Marinha ou Aeronáutica. Mais adiante, abordaremos as Armas⁶ com mais detalhes; por ora, é importante notar que cada unidade militar pode pertencer a uma *Arma* diferente, como os batalhões de Infantaria ou de Cavalaria, no caso do Exército, por exemplo.

A quarta etapa é a **seleção complementar** e, antes de prosseguir sobre a análise desse momento do alistamento, transcrevo aqui o texto oficial do Exército explicando do que se trata essa etapa:

Fase em que o jovem se apresenta na Organização Militar (OM) designada, a fim de realizar novos exames e entrevistas para que, dentro de suas aptidões pessoais e dos critérios estabelecidos, sejam escolhidos para prestar o Serviço Militar Inicial Obrigatório”. (Diretoria de serviço militar)

Como o próprio texto acima aponta, esta etapa é uma forma de repetição da etapa anterior, a diferença é que será feita em alguma OM específica — batalhão. Na maioria das vezes essa etapa pode durar alguns meses com várias idas ao quartel para entrevistas e seleções. Lá esses jovens farão novas entrevistas e novos exames médicos com a equipe médica do local. Abaixo temos o relato de um jovem, que foi extraído de uma troca de mensagens em uma rede social na internet, que passou pelo processo de seleção complementar e que considero esclarecedor sobre o assunto:

Terceira parte do meu processo de SELEÇÃO COMPLEMENTAR 2021: Voltei lá dia 26 às 7:30 como pediram para “mim” comparecer. Pela primeira vez entramos no quartel de fato e basicamente nos separaram pela nossa numeração. Nos deram um crachá com nosso número e nome, sentamos conforme a numeração em fileiras e ficamos basicamente um tempão lá vendo a formatura/despida dos soldados antigos. Logo em seguida foram chamando uns números selecionados, tipo, ao invés de chamar uma fileira inteira ou número em sequência, meio que chamaram os ‘selecionados’, tipo, 194, 197, 203. O meu número foi chamado também. Levantamos e fomos para uma sala e fomos “interrogados” por policiais. Perguntaram algo do tipo “você tem antecedentes criminais? Perguntou se eu uso ou já usei maconha. Perguntou se eu quero servir, disse que sim, em seguida mandaram eu deixar meu RG com um rapaz que estava na mesa ao lado e mandou esperar lá fora. Acho que

⁶ Nas forças armadas, o termo “arma” se refere às categorias de combate e divisões operacionais no campo de batalha. Essas divisões são por finalidade ordenar a atuação em campo de batalha conforme às necessidades. As armas são: Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia, Comunicação e Intendência.

consultaram o RG pra saber se estava falando a verdade mesmo e se tem algum antecedente criminal. Em seguida fomos conduzidos até lá fora e mandaram voltar de novo dia 08/02 às 14:00. Os que também não foram chamados saíram primeiro, porém também mandaram voltar dia 08/02 às 14 horas.

A quinta etapa é a de **incorporação** que ocorre no ano seguinte ao alistamento. Neste momento os jovens que passaram pelo *alistamento, seleção geral, designação militar e seleção complementar* serão os futuros soldados (Exército e Aeronáutica) e marinheiros (Marinha) das forças armadas, cumprindo de fato o serviço militar obrigatório. Vale lembrar que até a etapa da incorporação, todos aqueles que não quiseram servir e que pediram dispensa ou que eram voluntários, mas não foram considerados aptos para o serviço, foram dispensados e se tornaram reservistas. Recebem o documento que atesta sua regularidade junto às forças armadas e dali em diante não terão a necessidade de cumprir o serviço militar obrigatório. Essa dispensa também se aplica aos jovens que estudam ou estudaram em escolas militares conforme o artigo nº 157 do Decreto nº 57.654/1966: “os alunos dos Colégios Militares que tenham concluído a instrução militar com aproveitamento e satisfeito as condições de idade mínima, de que trata o número 3 deste artigo.”

Por esse motivo, a etapa de incorporação torna-se uma das etapas e um dos ciclos mais importantes para esta pesquisa. Ela é um marco central dentro da experiência geral do serviço militar obrigatório, principalmente para aqueles que irão vivenciar todo o processo a ela relacionado. Além disso, a incorporação é o momento onde diversos elementos simbólicos são apresentados e que estarão presentes ao longo de todo o período, contribuindo para a construção da identidade militar dos neófitos. E por se tratar de algo que delimita e marca um momento e uma circunstância para este grupo de jovens, iremos tratá-lo como um *rito de separação*.

Portanto, dedico a esta etapa uma análise mais detida e complementada com relatos etnográficos que recolhi durante os meus trabalhos de campo e entrevistas que realizei. Parte desse material recolhido foi obtido no dia 01 de março de 2024 no Batalhão de Polícia do Exército (BPEB) em Brasília, o batalhão foco da minha pesquisa. Tendo em mente que estas cerimônias e etapas são realizadas em datas específicas, me dirigi ao batalhão em dias estratégicos onde pude observar aquilo que estou classificando como rituais.

Dedico o próximo capítulo à etapa de incorporação dos recrutas do Exército e seus desdobramentos.

Capítulo 2

A incorporação

O Batalhão de Polícia do Exército de Brasília (BPEB), onde realizei meu trabalho de campo, foi criado oficialmente no ano de 1962 e fica localizado no Setor Militar Urbano em Brasília. Foi neste mesmo batalhão onde cumpri meu serviço militar obrigatório no ano de 2012. Nesse mesmo local, em Brasília, também ficam o Batalhão da Guarda Presidencial (BGP), o Esquadrão de Cavalaria Mecanizada e o Grupo de Artilharia de Campanha.

Embora o batalhão possua o nome “polícia”, ele não executa as mesmas tarefas que a polícia militar, por exemplo. São forças diferentes, com atribuições distintas. No caso da Polícia do Exército, suas principais funções estão voltadas para as atividades de Infantaria em casos de guerra, sobre as quais falarei mais adiante, além de funções administrativas e operacionais no dia a dia. O batalhão executa tarefas como: controle de trânsito, segurança de autoridades, incluindo a proteção do presidente da República, e algumas investigações criminais no âmbito das Forças Armadas. Além disso, esse batalhão abriga o presídio destinado aos militares das Forças Armadas que eventualmente cometem crimes militares e precisam cumprir pena em regime fechado.

O BPEB incorpora anualmente um efetivo de jovens residentes no Distrito Federal e Entorno para a prestação do serviço militar obrigatório prevista na já citada lei nº 4.375, de 17 de agosto de 1964. Essa incorporação costuma ser oficializada todo dia 1º de março do ano corrente, ocasião em que são realizadas cerimônias e solenidades que formalizam a entrada do efetivo variável, que pode chegar a mais de 400 jovens. Esse protocolo costuma se repetir em outros batalhões do território brasileiro que também realizam a incorporação de jovens para o serviço militar obrigatório.

Presenciar *in loco* a cerimônia no mesmo batalhão onde cumpri meu serviço militar obrigatório em 2012 me permitiu recolher informações e materiais valiosos a respeito do que estamos chamando de ritos de passagem no processo de treinamento e preparação desses jovens brasileiros para a vida militar. Resultados semelhantes foram trazidos por Celso Castro e Fernanda Chinelli no 30º encontro anual da Anpocs em 2006 ao apresentarem o texto intitulado *Serviço militar obrigatório: Ponto de vista do recruta*. Nele os autores trazem relatos de jovens recrutas do Rio de Janeiro sobre suas experiências no alistamento, no ingresso no Exército, sobre os treinamentos e assuntos específicos do militarismo. Os autores também classificam o alistamento e o serviço militar como um rito de passagem:

O processo de alistamento e eventualmente de serviço militar é, portanto, ritual de passagem obrigatório nas vidas dos jovens brasileiros, e por isto mesmo, objeto de discussão bastante frequente em suas conversas. (CELSONO e CHINELLI, 2006:1)

O que salta aos olhos à medida que nos aprofundamos nas análises é que a grande maioria desses jovens terá, nesse momento, seu primeiro contato com o universo militar. Enquanto isso, os cadetes que ingressam nas escolas de formação de oficiais, como a AMAN⁷ geralmente já possuem algum histórico militar na família. Isso foi confirmado por Celso Castro em seu livro *O espírito militar* onde diz que “apenas um pequeno número de pessoas chega à Aman sem algum conhecimento de rotinas militares” (CASTRO, 2021: 38).

No caso dos cadetes da AMAN, que serão oficiais do Exército, a influência da família na escolha da carreira militar costuma ser um ponto relevante. Diferentemente dos recrutas cujo histórico militar na família costuma ser nulo. Castro informa em sua pesquisa que entre os anos de 1976 a 1985 mais de 90% dos cadetes vinham de escolas militares. Estes mesmos indivíduos já tinham algum contato prévio com a rotina militar e este dado não deixa de levantar questões importantes relacionadas a uma possível “casta” que se forma no seio do oficialato brasileiro que parece indicar que seus integrantes fazem parte de uma “grande família” que se perpetua ao longo dos anos.

Molina e Dias (2012) em sua pesquisa sobre a influência exercida pelo pai, oficial do Exército, na decisão do filho para seguir a carreira militar nos mostram que todos os entrevistados na pesquisa tinham um histórico militar na família. Geralmente o avô, o pai e os tios eram militares e acabaram influenciando na escolha de seguir na carreira militar. Segundo as autoras:

Todos os entrevistados afirmaram que a influência do pai e demais familiares foi fator decisivo para que desejassem seguir carreira militar. Além disso a vivência no quartel durante a infância, o conhecimento da carreira e a admiração pelas atividades que o pai desempenhava, assim como o ingresso no colégio militar, foram evidenciados os relatos dos cadetes (MOLINA e DIAS, 2012: 47).

*

A cerimônia de incorporação desses recrutas, que tiveram pouco contato prévio com o universo militar, pode parecer desprovida de elementos simbólicos relevantes à primeira vista. Isso ocorre porque está repleta de símbolos aparentemente seculares e comuns, como a bandeira do Brasil, o hino nacional e o uniforme camuflado do Exército — elementos com os quais estamos familiarizados e que, a princípio, não nos causam estranhamento. No entanto, sob a perspectiva dos rituais, esses símbolos frequentemente assumem um caráter quase sagrado. São justamente esses elementos que revelam a importância dos rituais, tanto na incorporação dos recrutas quanto na dos cadetes da AMAN.

Cabe esclarecer, de antemão, que a noção de sagrado e profano apresentada na introdução deste trabalho, e que reaparece aqui, não precisa, necessariamente, estar atrelada a algo religioso,

⁷ Academia Militar das Agulhas Negras.

embora possa ser essa nossa primeira reação. Ao mesmo tempo, estamos falando de uma instituição de Estado, em seu conceito mais moderno, que se pretende laica. Portanto, prefiro partir de uma noção durkheimiana sobre o sagrado. Durkheim tratou o sagrado como algo que é separado. Segundo ele: “Os seres sagrados são, por definição, seres separados. O que os caracteriza é que, entre eles e os seres profanos, há uma solução de continuidade” (DURKHEIM, 2000: 319). Ter acesso a esses elementos sagrados — separados — do universo militar nos ajudará a compreender de que forma ocorrem os ritos de passagem dentro do mundo militar do serviço militar obrigatório e como eles serão interiorizados por esses neófitos.

2.1 Descrição do Batalhão de Polícia do Exército de Brasília

Por se tratar de uma cerimônia aberta ao público, parte deste evento é marcado pela chegada maciça de parentes e amigos que se dirigem à entrada do batalhão. À medida que me aproximo do local pela avenida Duque de Caxias, vejo dezenas de carros estacionados nos canteiros em frente ao batalhão e nos gramados próximos à entrada já que não tem estacionamentos livres o suficiente para o público. Noto imediatamente uma forte presença de crianças e idosos que, baseando-me nas interações entre eles naquele momento, parecem tratar-se dos pais, avós, namoradas e irmãos dos jovens incorporados (*ver figura 2*). Noto que as roupas usadas por todos indicam claramente que estão indo para um evento especial que exigiu uma preparação prévia e especial.

Figura 2: Público entrando no Batalhão de Polícia do Exército.



Fonte: Acervo pessoal

Mas antes de passarmos aos detalhes da cerimônia de incorporação em si, cabem aqui algumas informações adicionais sobre o Batalhão de Polícia do Exército (BPEB), onde o evento ocorreu. Conhecer as instalações do batalhão e o modo como ele é estruturado arquitetonicamente pode fornecer aos leitores uma compreensão mais acurada do assunto aqui abordado e dos elementos

descritos. Nas próximas imagens teremos a oportunidade de ver a parte arquitetônica do batalhão, a começar pela entrada principal.

A entrada tem uma fachada branca com detalhes verdes e várias janelas que se estendem de ponta a ponta. Essas janelas pertencem aos escritórios administrativos do batalhão, localizados no primeiro andar. Há também o nome do batalhão afixado na fachada. Em frente à entrada há um estacionamento privativo destinados aos militares oficiais do batalhão e aos visitantes que chegam eventualmente ao local em dias comuns (*Ver figura 3*).

No estacionamento é possível ver um mastro onde fica hasteada a bandeira do Brasil durante todo o expediente. Parte da rotina de todos os batalhões do Exército é a cerimônia de hasteamento da bandeira que costuma ocorrer às 08:00 junto com a guarnição que inicia o plantão do dia e outra cerimônia de retirada da bandeira do mastro que costuma ocorrer às 18:00 com a guarnição em serviço.

Vemos também, ao lado do mastro, dois armamentos militares — um à direita e outro à esquerda — usados como elementos decorativos, além do busto de uma personalidade militar importante, cujo nome não consegui identificar na ocasião.

Figura 3: Entrada do Batalhão de Polícia do Exército.



Fonte: Minervino Júnior/CB/D.A.Press

Passando pela entrada principal, damos de frente com o pátio principal onde são realizadas as cerimônias militares cotidianas (*Ver figura 4*). Este pátio que ocupa o centro do terreno do batalhão leva o nome do Marechal Zenóbio da Costa dado em homenagem ao militar que foi importante na criação do Batalhão de Polícia do Exército. Vemos à esquerda os prédios onde ficam localizadas as

companhias — subunidades — do batalhão: 1ª Cia, 2ª Cia, 3ª Cia e Cia de Escolta e Guarda. No centro e a frente fica o refeitório principal onde são realizadas as refeições principais dos militares (café da manhã, almoço, janta e ceia) e à direita prédios administrativos, que não aparecem na foto, auditórios 1 e 2, outras salas administrativas e o presídio militar.

Figura 4: Pátio principal do Batalhão de Polícia do Exército



Fonte: Acervo pessoal.

Na figura 5 disponibilizo uma imagem de satélite do batalhão extraída do Google Maps com uma legenda. Em seguida os nomes e indicações do espaço para melhor visualização do local. (Ver figura 5).

Figura 5: Foto de satélite do Batalhão de Polícia do Exército.



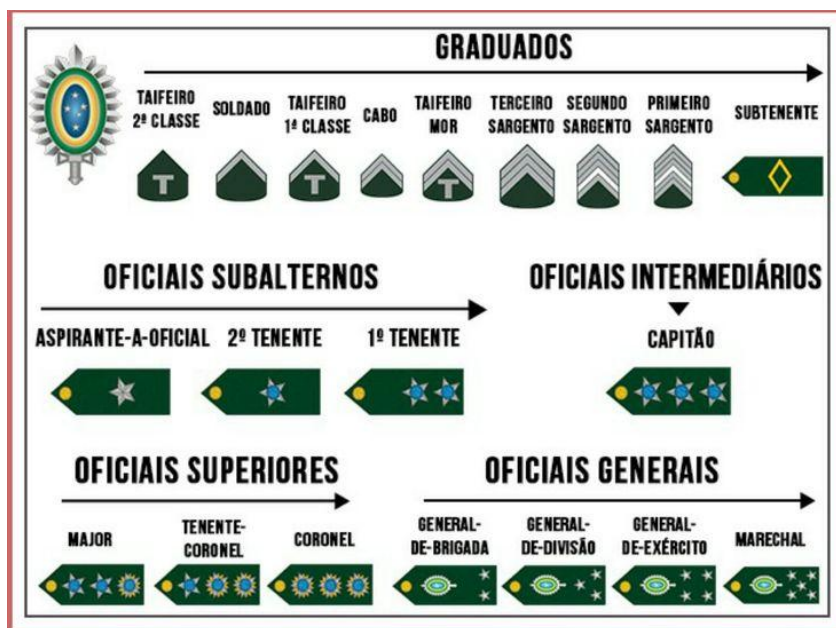
Fonte: Google Maps

1. *Entrada principal do Batalhão e nos andares acima as salas administrativas e sala do comandante.*
2. *Prédio administrativo onde ficam os auditórios 1 e 2.*
3. *Prédio administrativo e onde fica o presídio militar.*

4. *Refeitório principal.*
5. *Prédio da Companhia de Escolta e Guarda.*
6. *Prédio da Terceira Companhia.*
7. *Prédio da Segunda Companhia.*
8. *Prédio da Primeira Companhia.*
9. *Prédio administrativos e onde ficam a sala de ensaio da banda de música e seu alojamento.*
10. *Quadra de esportes e pista de corrida.*
11. *Estacionamento.*

Uma forma de organização comum de um batalhão do Exército é ser dividido em companhias, as chamadas *subunidades*. São nestes locais onde ficam os alojamentos dos militares que compõem a companhia — comandante da companhia, tenentes, sargentos, cabos e soldados — e serão nas companhias onde os recrutas passarão a maior parte do tempo e onde ficarão alojados durante o serviço militar. Os alojamentos dos recrutas são um grande espaço aberto, dividido por armários e vários beliches. Geralmente usam-se os armários para criar divisões entre pelotões.

O pelotão é a menor unidade dentro de uma companhia podendo ser composto entre 20 a 50 pessoas e subordinado a um tenente. Enquanto um batalhão é formado por companhias, cada companhia pode ser composta por três, quatro ou mais pelotões, comandados geralmente por um capitão. A chefia da companhia cabe a um oficial do Exército, que pode ser um tenente ou um capitão. Esses comandantes contam com o auxílio de tenentes, subtenentes, sargentos, cabos e soldados mais experientes, que os apoiam nas atividades diárias da companhia e nas demandas do batalhão como um todo. Toda essa estrutura militar segue uma rígida hierarquia ou cadeia de comando, em que os oficiais de patentes mais altas comandam aqueles de patentes inferiores. A seguir, apresentamos uma demonstração simplificada da hierarquia militar do Exército.



Todos os militares das subunidades participam diariamente do convívio com os novos recrutas. Por vezes eles possuem participação ativa no controle, formação e treinamentos como no ensino de ordem unidade, manutenção de armamento e atividades comuns de limpeza e manutenção do espaço.

No caso do BPEB existem quatro companhias já demonstrado na foto e na legenda acima, tendo aproximadamente 200 recrutas em cada uma delas. No ano de 2012 foram incorporados 461 recrutas no batalhão e todos foram divididos entre as companhias de Escolta e Guarda, 3ª Cia e 2ª Cia. A 1ª Cia é sempre destinada aos soldados mais antigos — efetivo profissional — que por sua vez executam atividades profissionais e operacionais por serem os militares antigos, mais preparados e com formação mais longa no Exército. No ano de 2024 em que realizei minha pesquisa, as únicas companhias que receberam os recrutas foram a 2ª Cia e 3ª Cia, cada qual alocando 200 deles. A 1ª Cia e a Cia de Escolta e Guarda por sua vez estavam destinadas aos soldados mais antigos que engajaram. Naquela ocasião não consegui descobrir o motivo da mudança na formatação destas subunidades.

Inicialmente, os recrutas permanecerão na mesma companhia durante todo o período do serviço militar obrigatório, sem a possibilidade de transferência para outra. Caso optem por engajar⁸ ao final dos 12 meses, poderão permanecer na mesma companhia de origem como um soldado antigo⁹ bem como serem alocados em outra companhia. A existência de companhias não altera drasticamente

⁸ Termo nativo para se referir ao processo de permanecer no quartel e no serviço militar após finalizar o período obrigatório de um ano. Dizem que o soldado engajou, ou seja, permanece como um militar.

⁹ Existe a possibilidade desses soldados engajados subirem de patente. Os batalhões costumam oferecer curso de formação de cabo (CFC) e curso de formação de sargento temporários. Sendo assim, há a possibilidade de se tornarem militares antigos, mas com outras patentes.

na dinâmica diária dos militares. Pelo contrário, é uma forma de organização que acaba fracionando este grande grupamento incorporado permitindo uma gestão mais eficaz e coordenada.

As companhias formadas por militares mais antigos e experientes acabam sendo as responsáveis por tarefas que exigem mais preparo, como é o caso da 1ª Cia que hospeda o chamado pelotão de choque do batalhão cuja atividade principal é a contenção de civis ou manifestantes em caso de manifestações violentas (*Ver figura 6*).

Figura 6: Pelotão de choque do BPEB.



Fonte: www.legiaodainfantaria.eb.mil.br/

O BPEB conta também com uma enfermaria destinada aos cuidados básicos de saúde dos militares daquela unidade, bem como um canil onde ficam alojados os cães farejadores usados em missões específicas da Polícia do Exército. Hospeda também a banda de música que é atua nas formaturas e cerimônias tocando músicas e canções militares além de oficinas mecânicas e refeitórios. É um local onde necessidades básicas e necessárias para o dia a dia são capazes de serem atendidas sem que haja a necessidade de sair do local. Toda essa estrutura arquitetônica e organizacional aqui descrita, bem como a divisão e organização do espaço serão elementos importantes na formação desses novos militares.

2.2 A Semana Zero:

Do ponto de vista da antropologia dos rituais, segundo a qual os ritos de passagem possuem três fases, a cerimônia de incorporação pode ser classificada como um *rito de separação*. Ela marca a transição dos recrutas para o que chamaremos de fase de *margem* ou *liminaridade*. No entanto, essa cerimônia não é o único *rito de separação* presente no serviço militar obrigatório. Antes da incorporação, há outro rito que merece atenção: a chamada "semana zero", um termo nativo usado para se referir ao período que antecede a entrada oficial dos recrutas no Exército.

Vale lembrar que, antes de iniciarem os treinamentos de fato, os recrutas passam por uma série de etapas até a conclusão oficial do processo de alistamento. Durante esse período, eles têm os primeiros contatos com a rotina militar. Na chamada "semana zero", os recrutas se dirigem diariamente ao batalhão, das 08h às 17h, para receber instruções militares básicas. Parte do que aprendem nessa fase será utilizada no dia da cerimônia de incorporação. Além disso, nas semanas seguintes, há um período de aquartelamento, no qual a saída do batalhão é vedada. Durante esse tempo, os recrutas permanecem no quartel e realizam ali todas as suas atividades.

Mais do que um marcador temporal estrito de uma semana, a 'semana zero' é efetivamente parte fundamental deste grande rito de passagem, que é o serviço militar. Neste período, os recrutas aprendem rapidamente comandos e noções básicas que integrarão suas rotinas nos meses subsequentes e que serão usados no dia da cerimônia de incorporação. Além disso, neste momento começam a serem introduzidos aos princípios basilares do universo militar, como *disciplina* e *hierarquia*.

Já é sabido entre os estudiosos dos militares, e estes últimos fazem questão de ressaltar que a disciplina e hierarquia são o pilar que sustenta o mundo militar e que organiza sua estrutura de relações. Piero Leirner, um outro antropólogo estudioso do tema, trouxe uma reflexão importante sobre o valor da hierarquia dentro das forças armadas:

Longe de ser apenas um princípio legal, a hierarquia é a base sobre a qual se exteriorizam cotidianamente sinais de respeito, honras, cerimonial, continências, ordens e comandos; tudo isso executado pelos membros da Força, cada qual em uma posição no interior da instituição, sem que ao menos precisem ter consciência de que, tomadas em seu conjunto, as diferentes condutas são manifestações particulares que necessariamente transitam por esse princípio regulador coletivo que é a hierarquia. (LEIRNER, 1995:49)

Sendo os novos recrutas integrantes desse esquema de posições e estrutura, deverão interiorizar e reproduzir esse princípio regulador que é a hierarquia no mundo militar. E parte dessas noções básicas será apresentada já na *semana zero* que antecede a cerimônia de incorporação.

A *semana zero* é também o momento em que ocorre uma padronização visual e corporal: os recrutas cortam seus cabelos no estilo militar, removem brincos e piercings, eliminando ao máximo possível marcas de individualidade. Esse processo visa promover uma rápida homogeneização, a qual permitirá a fácil identificação, dentro do grupo, de que se tratam de recrutas ou, nos termos da antropologia dos rituais, seres marginais, seres liminares.

Por estarem adentrando no período de *margem*, e não simplesmente alterando suas características físicas, dado que cada etapa desse processo possui um valor simbólico importante, alguns elementos próprios dos ritos de passagem se apresentam neste momento. Victor Turner pontua que o ser *liminar*, aquele que está na *margem* “não tem *status*, propriedade, insígnia, vestimenta secular, graduação, posição de parentesco, nada que possa distingui-los, estruturalmente, de seus companheiros.” (TURNER, 2005:143) E todas estas características estão presentes no momento em que os recrutas estão adentrando no período de *margem*. Perdem toda e qualquer referência ao mundo civil que porventura possam ter, para ocuparem esse *status* temporário indefinido e amorfo.

Durante a *semana zero*, recebem exaustivamente noções de ordem unida, que é um ramo previsto na instrução militar. A ordem unida é um processo de ressocialização brusco e abrupto que acaba atuando na corporalidade daqueles jovens. Essa primeira etapa do treinamento começando com a *semana zero* é aquilo que alguns sociólogos vão chamar de *alternação*. Luckman e Berger (2018) definem a *alternação* como espécie de reorganização do universo simbólico de um indivíduo com características de uma ressocialização produzindo uma identificação afetiva com aqueles com quem socializam, semelhante a um processo de socialização primária¹⁰. Isto é, é como se os recrutas voltassem ao processo inicial de aprendizagem da infância onde seria necessário reconstruir toda a sua identificação afetiva com aqueles indivíduos que os socializam. E neste caso, ao invés de terem as figuras clássicas do pai e da mãe, o *outro significativo* dos recrutas serão os militares.

O exemplo mais emblemático desse processo de ressocialização atuando no corpo pode ser observado logo na primeira entrada dos recrutas no quartel, quando marcham pela porta principal. Inclusive, é comum que posteriormente esse momento seja alvo de risadas entre eles, pois naquela ocasião não sabiam executar a marcha militar com precisão e apresentavam uma corporalidade inadequada para esses movimentos. No entanto, ao analisarmos os mesmos recrutas durante as formaturas, meses depois, notaremos uma clara evolução. Eles demonstram maior facilidade na execução dos movimentos e sua automatização, evidenciando que o processo de ensino e adaptação corporal foi bem-sucedido.

Portanto, a construção da identidade militar também passa pela formação do corpo. Toda essa ressocialização, que atua na alma dos recrutas, também se manifesta em seus corpos. Dentro da

¹⁰ A socialização primária, segundo os autores, é “a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância, e em virtude da qual torna-se membro da sociedade.” (LUCKMANN E BERGER, 2004: 175)

cosmologia militar, o corpo desempenha um papel fundamental na composição da identidade. Os valores interiorizados na mente dos recrutas devem estar em sintonia com seus corpos. Marcel Mauss, em seu texto sobre as técnicas do corpo, pontua que cada sociedade utiliza o corpo de maneiras distintas. Segundo ele, “esses ‘hábitos’ variam não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, mas sobretudo com as sociedades, as educações, as conveniências, as modas e os prestígios” (MAUSS, 2017: 425).

Nesse contexto de socialização e aprendizado, fica evidente o caráter educacional dessas práticas. Assim como as crianças aprendem novas habilidades por meio de figuras de autoridade em quem confiam, algo semelhante ocorre na formação da identidade do recruta. Ele tende a imitar atos bem-sucedidos daqueles que exercem autoridade sobre ele. Mauss ressalta que esses atos, ainda que envolvam aspectos biológicos do corpo, são impostos de fora e de cima, ou seja, são essencialmente sociais.

É precisamente nessa noção de prestígio da pessoa que faz o ato ordenado, autorizado, provado, em relação ao indivíduo imitador, que se verifica todo o elemento social. No ato imitador que se segue, verificam-se o elemento psicológico e o elemento biológico. (MAUSS, 2017: 426)

No início do processo de construção de suas identidades, seus corpos são inaptos aos gestos e movimentos militares. É evidente a falta de habilidade ao marchar e ao executar as continências. Seus corpos deverão aprender a ser viris, firmes, fortes e rígidos. Todos esses aspectos não são atávicos; são adquiridos para que correspondam ao que é ou não permitido no universo militar ou ao que é ou não a corporalidade de um militar.

Além disso, dentro da cosmologia militar, a *ordem unida* tem uma finalidade clara e deve ser vista como uma forma de promover a disciplina e a coesão. Para exemplificar esse grau de importância, extraio um trecho do manual de campanha do Estado-Maior do Exército:

A Ordem Unida é uma verdadeira escola de disciplina e coesão. A experiência tem revelado que, em circunstâncias críticas, as tropas que melhor se portaram foram as que sempre se destacaram na Ordem Unida. A Ordem Unida concorre, em resumo, para a formação moral do militar. Assim, deve ser ministrada com esmero e dedicação, sendo justo que se lhe atribua alta prioridade entre os demais assuntos de instrução. (Manual de Campanha – Ordem Unida. 2019: 14)

Na *semana zero*, em que se inicia o processo de alternância, os militares mais antigos procuram proporcionar um choque de realidade aos novos recrutas, buscando ressaltar essa diferença entre o mundo civil e o mundo militar. São bastante comuns as cenas de militares gritando com os recrutas. Geralmente são gritos de ordem e comando para que executem alguma tarefa sob pressão e não haja

tempo para refletir sobre o que está sendo feito. Os gritos buscam causar forte pressão para testar o nível de resistência psicológica deles. Mesmo que todas as atividades não sejam executadas de forma correta ou bem executadas, o processo de aprendizagem e assimilação é baseado na disciplina, na repetição e na punição.

Esse ambiente de pressão começa no momento em que os recrutas chegam ao quartel. Nos primeiros meses, não há situações tranquilas. A exigência é constante, desde os treinamentos de ordem unida até as refeições. Um exemplo dessa pressão ocorre na hora do almoço. Como de praxe, os recrutas se organizam em seus pelotões e aguardam em posição imóvel, com as pernas paralelas e as mãos para trás, na chamada "posição de descansar" (*ver figura 7*), até que um militar mais antigo os leve ao refeitório. Ao entrar no recinto, sempre em fila e sob comando, pegam pratos e bandejas e são servidos pelos taifeiros. Durante a refeição, há um tempo mínimo estipulado para que terminem de comer e deixem o local. Depois disso, seguem para lavar seus pratos, ainda em filas e sob a supervisão de militares mais experientes, que continuam gritando ordens e gerando pressão. Pequenos erros são punidos imediatamente. É comum que algum recruta se atrapalhe e derrube um prato ou utensílio, sendo penalizado com exercícios físicos desgastantes, como flexões ou repetidos agachamentos até o limite da resistência.

Figura 7: Recrutas em posição de descansar.



Fonte: isbrasil solar.com.br

Nestas primeiras semanas eles não costumam ter tempos livres e ociosos. Buscam sempre levar seus corpos e suas mentes à exaustão. Há um termo nativo usado para se referir a recrutas ou militares que querem descansar ou se eximir das suas responsabilidades na hora inapropriada: “*acochambrar*”. Tudo isso ocorre porque será exigido destes futuros soldados disposição física, força e resistência.

Ainda a respeito dessa inicialização brusca e abrupta, tive a oportunidade de ouvir um tenente coronel do Exército falando a respeito do serviço militar obrigatório onde ele usou a expressão “cortar o cordão umbilical”, isto é, as primeiras semanas e o próprio serviço militar são um momento em que se buscam romper essa ligação com a antiga vida “fácil” daqueles jovens, isto é, a vida de civil. Tudo isso aponta para um caráter socializador e educacional que o Exército busca reforçar. É uma instituição que se coloca também como uma escola que ensina não somente atividades profissionais dos militares, mas valores e ideologias daquilo que seria um cidadão exemplar.

Esse caráter socializador é um reflexo da dualidade entre o mundo civil e o mundo militar abordada no início do texto. Durante o período de *margem* ela atuará buscando promover a construção da identidade militar em contraposição ao mundo civil. Essa relação entre o mundo militar e o mundo civil pode ser exemplificada por meio de um quadro extraído do livro *O Espírito Militar*, onde Celso Castro demonstrou como esses dois mundos são encarados pelos cadetes da AMAN. Se trata de uma comparação entre o que é ensinado no Exército (Aqui dentro) e do que é ensinado no mundo civil (Lá fora) trazida pelos próprios militares:

AMAN/“AQUI DENTRO”	FACULDADE/“LÁ FORA”
seriedade / profissionalismo / competência	falta de seriedade / profissionalismo / competência
atividade contínua	ociosidade
maturidade	infantilidade
atenção	desatenção, (apatia)
os professores “dão o exemplo”	o os professores não “dão o exemplo”
boa apresentação pessoal	má apresentação pessoal
linguajar correto	gírias, palavrões
verdadeira liberdade	falsa liberdade
disciplina	displicência
ordem	desordem
militares	paisanos
+	–

Dessa forma, a "semana zero" se apresenta como um período fundamental na transição dos recrutas para o universo militar, funcionando como um rito de separação que inicia o processo de alternância e a incorporação da identidade militar. Por meio de práticas disciplinares rigorosas, da imposição de uma nova corporalidade e da intensa socialização sob pressão, os recrutas começam a se distanciar do mundo civil e a internalizar os valores e a estrutura hierárquica do Exército. Esse

período inicial não apenas marca simbolicamente a entrada no Exército, mas também evidencia o caráter educacional e socializador da instituição militar, que molda os indivíduos tanto em sua conduta quanto em sua visão de mundo.

2.3 Chegada do público civil ao local da cerimônia:

Dentre as várias cerimônias e formaturas que os militares terão ao longo do ano por ocasião das datas comemorativas próprias das Forças Armadas – Dia do Soldado, Dia da Infantaria, Dia da Bandeira, etc. –, a cerimônia de incorporação é uma das poucas ocasiões em que civis podem entrar no batalhão. É importante ressaltar que as instalações militares não costumam ser visitadas com frequência por um público não militar. Por esse motivo, considero relevante tratar separadamente da chegada e entrada do público civil por ocasião da incorporação de seus jovens parentes ao Exército. Esse momento, assim como os demais rituais, constitui um elemento importante no rito de passagem do qual estamos tratando.

A presença desse público civil na cerimônia poderia ser classificada como uma espécie de testemunho que reforça a relevância do momento. Esse público confere importância e sacralidade à incorporação que, por sua vez, acentua a diferença entre civis e militares, já discutida ao longo deste texto. Enquanto a cerimônia de incorporação é um *rito de separação*, a presença de civis e militares no momento sagrado da incorporação marcará o instante exato em que, simbolicamente, os recrutas deixam de ser civis, adentrando no estado de *margem* para, posteriormente, se tornarem militares.

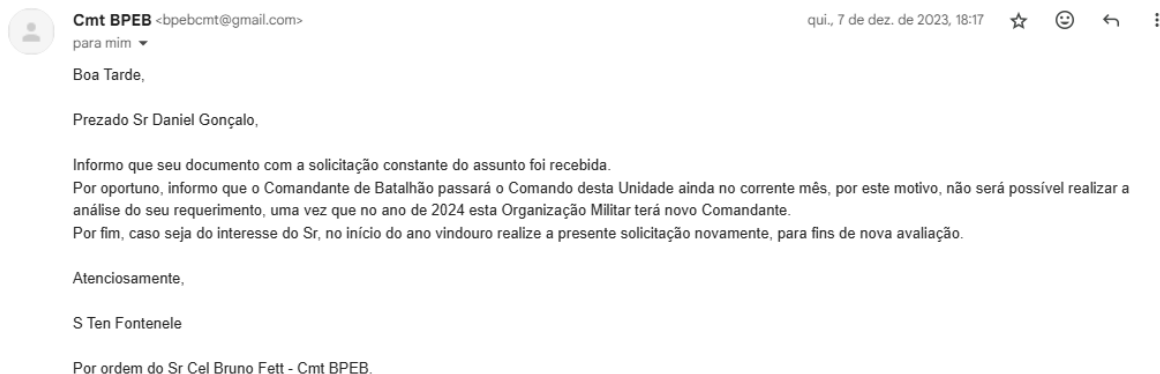
Essa característica de passagem e transição de um ritual é ainda mais evidente quando os recrutas trocam as roupas com as quais entraram na cerimônia — camisas brancas e pretas — para vestirem a farda que deverão ostentar posteriormente. Reitero que não são ações desprovidas de significado pelo simples fato de se tratar de um evento militar. A troca de roupa não é meramente estético. Ela representa simbolicamente a cisão e a separação com o mundo ali representado pelo público civil que testemunha essa passagem.

2.4 Cerimônia de incorporação

No dia 01 de março de 2024 realizei uma pesquisa de campo dentro das instalações do Batalhão de Polícia do Exército de Brasília, porém, de maneira informal. Após inúmeras idas ao batalhão e tentativas de contato com o comandante para solicitar uma autorização formal para a pesquisa, não tive êxito. Nas minhas buscas por contatos e informações, segui as orientações de outros militares conhecidos para enviar um ofício ao centro de relações públicas do batalhão como forma de

obter uma autorização, contudo, obtive uma única resposta no dia 07 de dezembro de 2023 que apresento na figura abaixo:

Figura 1: E-mail recebido do gabinete do Batalhão de Polícia do Exército:



Fonte: Acervo pessoal

Segui a orientação do e-mail e enviei um novo ofício ao novo comandante no dia 06 de janeiro de 2024, mas até o momento da escrita deste texto não obtive resposta ou retorno aos e-mails enviados. Por esse motivo, busquei outras formas de acesso ao batalhão que não dependessem estritamente de uma autorização prévia do comandante. Uma das formas de se acessar o batalhão é por meio das formaturas militares.

Dentre as diversas cerimônias previstas dentro dos quartéis voltadas especialmente para o treinamento dos novos recrutas, a de incorporação é uma das poucas aberta ao público, onde são permitidos a entrada de familiares e amigos dos recém incorporados sem necessidade de uma autorização prévia. Tendo conhecimento dessa possibilidade e como não foi necessário comprovar nenhum grau de parentesco com os incorporados, entrei no local me passando por alguém que estava interessado em acompanhar o evento e não me apresentei como pesquisador.

Como as cerimônias de incorporação costumam ocorrer nas mesmas datas em todos os anos e eu já possuía um histórico com o universo militar, ficou mais fácil prever quando seria o evento para ir até o local. Para me certificar, liguei para o número oficial do batalhão me passando por um parente querendo confirmar a data do evento e confirmei a data por telefone.

*

No dia da cerimônia, por volta das 8h da manhã, cheguei ao setor militar para assistir à formatura. Do lado de fora notei vários carros estacionados nas proximidades do batalhão e diversas pessoas que eram claramente civis se dirigindo ao local do evento. Eu vi desde pessoas mais velhas e crianças e adolescentes, perfis nada comuns em uma zona militar.

Ao me aproximar da entrada principal do batalhão, me dirigi à recepção junto com as demais pessoas e, sem nenhuma dificuldade, consegui entrar no local. Não foi necessário apresentar documento ou autorização como já ocorreu das outras vezes. Por ter comentado que era alguém próximo de um dos incorporados, consegui entrar livremente. Porém, ao entrar, tanto eu e os demais presentes fomos rigorosamente conduzidos pelo batalhão. Estava claro naquele momento que não era permitido o acesso livre às demais instalações. Todos foram direcionados ao local de espera da cerimônia.

Tanto no ano de 2012 quanto no ano de 2024 não houve um contato prévio entre os parentes e amigos com os recrutas antes da cerimônia. Toda e qualquer interação entre eles só ocorreu ao final da formatura. Essa dinâmica faz parte do protocolo da cerimônia uma vez que os recrutas deverão realizar a entrada simbólica pelo portão e qualquer interação antes do evento pode atrapalhar a organização do efetivo militar.

Enquanto o público aguardava no auditório, era possível avistar os recrutas de longe em suas respectivas companhias. Diferentemente de seus familiares, eles estavam no quartel horas antes do evento, preparando-se e repassando os últimos detalhes da cerimônia. Todo o evento segue um protocolo rigoroso, que determina desde os locais onde cada um deve ficar até a forma de se deslocar e se portar. Para quem já assistiu a uma cerimônia militar, o que se vê naquele instante é uma verdadeira coreografia, sem espaço para improvisos. Tudo isso foi exaustivamente treinado e memorizado nos dias anteriores, especialmente durante a semana zero.

O auditório onde o público civil estava era grande com várias janelas que dão uma vista panorâmica do batalhão e com diversas cadeiras acolchoadas um ao lado da outra. Mesmo sendo uma repartição militar, o local não possui nenhuma ornamentação ou decoração específica. Pelo contrário, é relativamente comum como qualquer repartição pública.

A recepção aos parentes no auditório conta com a exibição de um filme enquanto aguardam a chegada do restante do público. O filme em si possui somente conteúdo militar no qual são apresentadas algumas informações sobre o Exército Brasileiro e mostra também um pouco da rotina militar e das atividades desempenhadas no dia-a-dia. Trata-se de um filme de apresentação com a finalidade de mostrar a todos ali presentes um espaço, aparentemente, pouco conhecido. Mas se considerando as nuances internas da vida administrativa de um quartel e do que de fato ocorre dentro dos muros dos batalhões em seus mínimos detalhes, o filme apresentado possui uma rigorosa seleção de conteúdos e imagens que enaltecem as forças armadas e, neste caso específico, o Exército com referências quase idílicas do militar brasileiro com uma imagem do protetor da pátria e do guardião do território nacional. São notórios seus esforços para construir e ratificar a imagem heroica dos militares das forças armadas para o público civil que assiste ao filme.

Após assistirem ao filme, todos são recepcionados pelo comandante do batalhão, que, no dia em questão, era o Tenente-Coronel Carlos Augusto da Silva Neto, o novo comandante que assumira o batalhão naquele ano. Sua fala ao público buscou apresentar alguns tópicos sobre o que são os policiais do Exército e o tipo de treinamento que será dado aos filhos e amigos daqueles ali presentes. Reproduzo aqui a fala literal proferida pelo comandante do batalhão no dia em questão e que considero emblemática do processo pelo qual esses jovens passarão no período de 12 meses de instrução: "Seus filhos serão **transformados** [grifo meu] em verdadeiros soldados do Exército de Caxias." A fala do comandante do batalhão reforça o teor de transformação pelo qual aqueles jovens passarão, com o claro objetivo de inseri-los nesse universo que, como dito anteriormente, é novo e completamente desconhecido para a grande maioria deles. Ao final de sua fala, que antecede o auge da cerimônia, ele apresenta o chamado "Código de Honra PE", que transcrevo abaixo:

Ser honesto

Amar a verdade

Cumprir as ordens prontamente

Usar autoridade sem prepotência

Proteger os presos sob sua guarda

Comparecer a todo serviço a qualquer custo

Após a apresentação formal do batalhão ao público civil, todos fomos direcionados novamente à entrada do batalhão, para acompanhar a *entrada simbólica* — termo usado pelos próprios militares — dos novos recrutas pelo portão. No estacionamento principal, os recrutas estão organizados em pelotões para iniciarem a entrada pelo portão (*ver figura 8*).

Dá-se início à cerimônia com a fala do militar responsável por conduzir o evento que está próximo à porta de entrada em um púlpito de madeira falando ao microfone. Tanto nesta como em todas as outras cerimônias militares, sempre haverá um oficial responsável por conduzir o evento — uma espécie de mestre de cerimônias. Geralmente se trata de algum secretário ou assistente do comandante do batalhão. Esse militar tem em mãos os textos a serem lidos durante o evento, descrevendo e coordenando cada etapa tanto para o público presente quanto para os militares. Podemos dizer que ele conduz a liturgia do rito de passagem.

Parte do protocolo é anunciar do que se trata o evento, que, no dia em questão, foi a cerimônia de incorporação dos conscritos de 2024. Anuncia-se a quantidade de jovens incorporados naquele ano e, em seguida, realiza-se a passagem do comando da tropa ao comandante do batalhão. Todos esses procedimentos são acompanhados de continências, marchas, toques de corneta e canções militares tocadas pela banda de música. Noto que se trata de um espaço pouco aberto à improvisação

e ao erro, já que todas as atividades são rigorosamente repetidas todos os anos. Um verdadeiro ritual sob a perspectiva antropológica.

Figura 8: Os recrutas na frente do batalhão para realizarem a entrada simbólica.



Fonte: bpeb.eb.mil.br

A entrada simbólica pelo portão constitui uma parte importante deste ritual. Ela tem o objetivo de oficializar o início dos treinamentos daqueles que passaram no processo de seleção¹¹ realizado pelas Forças Armadas. Mas acima de tudo, constitui a representação simbólica da passagem do mundo civil para o mundo militar já que a porta representa simbolicamente a separação entre esses dois mundos.

O deslocamento dos recrutas ocorre em fileiras, onde cada uma se move ordenadamente, uma de cada vez, em direção ao pátio principal, conforme ilustrado na *figura 9*. Os recrutas, por sua vez, ainda não estão fardados, mas vestem roupas consideradas "civis" ou, no termo nativo, estão "à paisana", o que é típico de um civil. No entanto, as roupas seguem um padrão, com camisas brancas ou pretas e calças jeans, criando uma uniformidade que permite identificá-los enquanto recrutas.

¹¹ É importante ressaltar que existe uma forma de ingresso oficial feita pelo exército que consiste na seleção daqueles que serão considerados aptos do ponto de vista físico e psicológico para essa atividade, porém é muito comum e quase que corriqueiro a entrada de jovens por meio de indicação de outros militares que já estão dentro do exército ou por serem parentes e amigos destes últimos. Essa prática tem um nome e costumam chamar de "peixada" onde aquele que entra por meio de uma indicação e que não precisa passar pelo processo de seleção comum é chamado de "peixe". Ou seja, no final de tudo acabam entrando aqueles que possuem contatos dentro dos batalhões e aqueles que não possuem e eventualmente querem são dispensados por excesso de contingente. Cabe analisar a real eficácia desse ingresso pelo mérito diante daqueles que ingressam por meio de "peixadas".

Figura 9: Os recrutas entrando no batalhão em direção à cerimônia no pátio.



Fonte: bpeb.eb.mil.br

Já a presença do público dá efetivamente à cerimônia um aspecto ritual, sem o qual toda a pompa e organização não teria muito valor dado que o objetivo, do ponto de vista antropológico, é criar a separação por meio deste *rito de separação*. Enquanto o público presencia o deslocamento, noto uma forte comoção e empolgação por vezes marcadas por risos felizes e orgulhosos e uma ávida procura pelo rosto do seu conhecido em meio a massa padronizada para tirar uma foto ou fazer um vídeo (Veja a figura 10).

Figura 10: Parentes e amigos tirando fotos dos recrutas.



Fonte: Acervo pessoal

Após a entrada de todos os recrutas no batalhão, o público é direcionado ao pátio de formatura onde foi montada uma estrutura de toldos para recebe-los e de onde pudessem acompanhar o resto do evento (ver figura 11). Enquanto o público se posiciona no pátio, os recrutas realizam a troca de suas roupas colocando suas fardas, pois assim que todos estão nos seus devidos locais, vemos os recrutas

em suas companhias já fardados e sem a roupa com a qual entraram simbolizando efetivamente a passagem do mundo civil ao mundo militar.

Figura 11: Estrutura de toldos para a cerimônia

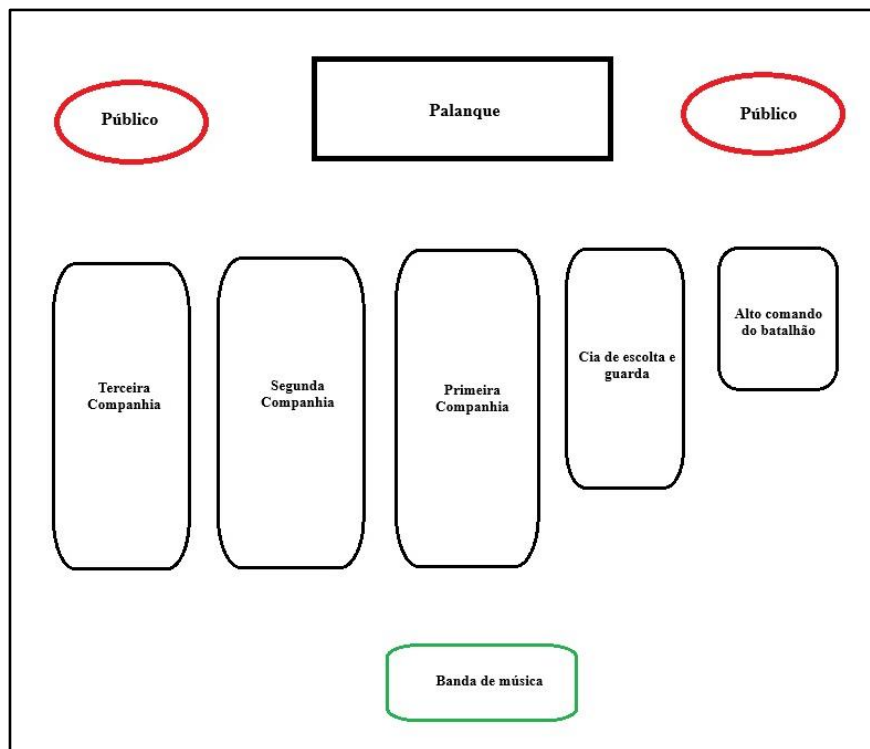


Fonte: Acervo pessoal

A formatura é marcada por alguns momentos chave. Um deles é a entrada simbólica dos recrutas no batalhão seguidos dos familiares e amigos em direção ao pátio (*rever figura 9*). Enquanto isso o efetivo profissional fica posicionado nas laterais das companhias aguardando a troca de roupa dos recrutas, o comando da corneta para entrarem no pátio ao som das canções militares tocadas pela banda de música. Dado que toda cerimônia militar em área externa tem como parte a entrada em marcha da tropa no local, essa posição é estratégica, pois ficam relativamente escondidos e podem realizar uma entrada pomposa no pátio principal.

Concluída a entrada da tropa no pátio, todos ficam posicionados em frente ao palanque principal (*ver figura 12*). O palanque geralmente é ocupado pelo comandante do batalhão, que fica na frente em uma posição privilegiada, e a sua volta os demais militares que prestam apoio e assessoria ao comandante. Dependendo da cerimônia, há também militares convidados e parentes dos militares no mesmo palanque. A organização da tropa em frente ao palanque se dá da seguinte maneira: da direita para a esquerda temos o alto comando do batalhão, os batedores (motocicletas), Companhia de Escolta e Guarda, 1ª Cia, 2ª Cia e 3ª Cia. E atrás da tropa fica a banda de música tocando as canções militares. Essa posição costuma ser o padrão em todas as cerimônias e eventos que ocorrem ao longo do ano.

Croqui da cerimônia



Uma vez a tropa posicionada em frente ao palanque, é dada a palavra ao comandante que inicia sua fala saudando a tropa do batalhão para em seguida fazer os agradecimentos a presença dos familiares por ocasião da incorporação daquele ano. Como parte do público está no local pela primeira vez, o comandante faz algumas menções ao batalhão e sua relevância dentro do Exército buscando ressaltar o sentimento de orgulho em pertencer àquela unidade, além de mencionar o processo rigoroso de seleção dos militares alistados no ano vigente (*ver figura 12*). A fala do comandante não costuma ser longa ou demorada durando cerca de cinco minutos. O fim da fala do comandante marca a finalização da cerimônia que será encerrada com o desfile da tropa em continência ao comandante.

Figura 12: Pátio de formaturas do BPEB



Fonte: bpeb.eb.mil.br

Os militares do batalhão se preparam para desfilar em frente ao palanque do comandante. Ouvem-se alguns sinais sonoros da corneta, que indicam que a tropa deve se preparar para o desfile. Esses sinais sonoros não são aleatórios. Tanto a melodia quanto a sequência sonora das cornetas seguem uma lógica dentro daquele tipo formatura, permitindo que o grupamento militar de centenas de pessoas saiba exatamente o que fazer e, assim, produza o típico efeito de sincronia dos desfiles militares.

A banda de música, a primeira a desfilar em frente ao comandante, começa a tocar canções militares enquanto as companhias iniciam suas marchas em direção ao palanque. Nesta cerimônia os recrutas devem ficar imóveis no meio do pátio enquanto a tropa desfila. Somente nas próximas formaturas eles desfilarão junto com os demais. A tropa desfila na seguinte ordem: primeiro a banda de música e em seguida desfila o alto comando do batalhão composto pelos militares que fazem parte do comando da unidade, depois a 1ª Companhia, a 2ª Companhia e a 3ª Companhia e por último a Companhia de Escolta e Guarda (*ver figura 13*).

Figura 13: O efetivo profissional desfilando em frente ao palanque.



Fonte: bpeb.eb.mil.br

Após toda a tropa passar em frente ao palanque, ordenadamente vão deixando o local em direção a lateral do batalhão. Ao final do desfile o pátio fica vazio, pois as partes traseiras das companhias têm entradas e saídas que permitem aos prédios sem serem vistos por quem está no pátio principal. Assim que a tropa sai do pátio principal e a banda finaliza as canções, ao microfone se informa o encerramento da cerimônia. Após esse procedimento a cerimônia está oficialmente encerrada.

Um dos momentos mais aguardados do evento é o encontro dos familiares com seus parentes incorporados. Assim que se encontram logo dão-se abraços e beijos e todos tentam registrar o momento com fotos e vídeos com os recrutas. Neste dia foi organizado um espaço no pátio de cada companhia mesas e cadeiras para recepcionar os familiares e realizarem uma confraternização. Para a grande maioria deles, tornar-se militar era uma questão de honra e um momento digno de comemoração. O clima é de festa e alegria em todas as companhias (*ver figura 14*).

Figura 14: Familiares confraternizando após a cerimônia



Fonte: Acervo pessoal

Capítulo 3

Instrução Individual Básica (IIB)

O serviço militar obrigatório do Exército brasileiro é composto por dois momentos importantes: o período de *Instrução Individual Básica* (IIB) e o período de *Instrução Individual de Qualificação* (IIQ). Ao longo deste e do próximo capítulo falaremos sobre cada um deles. Começemos pelo primeiro, o período de *Instrução Individual Básica*.

Como mencionei anteriormente, o serviço militar obrigatório se inicia, oficialmente, após a cerimônia de *incorporação*, tratada no capítulo anterior. Após a *incorporação*, que costuma ocorrer no mês de março do ano corrente, dá-se início então ao chamado período de *Instrução Individual Básica* dos futuros soldados do Exército. Tendo o serviço militar obrigatório no máximo 12 meses de duração, o período de *Instrução Individual Básica* dura cerca de 4 meses, iniciando-se em março, com a *incorporação*, e finalizando em meados de julho com a *formatura*¹² da Boina.

Como o próprio nome sugere, os recrutas recebem as instruções básicas no que diz respeito à rotina militar, partindo do princípio de que todos os incorporados não possuem nenhum ou quase nenhum conhecimento sobre a rotina militar. As instruções básicas vão desde ordem unida, músicas e canções militares a instruções sobre o uso de armamento, com idas aos campos de tiro, e talvez o mais importante de todos, o exercício no terreno, mais conhecido como “*campo*”¹³.

No entanto, os ensinamentos não se limitam ao âmbito físico ou motor, abrangendo também aspectos intelectuais e mentais. Do ponto de vista antropológico, os rituais presentes ao longo do treinamento auxiliam na construção da identidade militar mediando esse processo do início ao fim. Para se tornar um militar é essencial interiorizar valores e ideias que atuam também diretamente na mentalidade desses jovens. Para isso, serão constantemente expostos aos valores fundamentais do militarismo como a hierarquia e a disciplina.

No início do texto, apresentei uma informação importante relacionada ao perfil dos recrutas que incorporam no Exército. A grande maioria deles terá seu contato com a rotina militar pela primeira vez. Todos os jovens que entrevistei, por exemplo, não tinham nenhum histórico militar na família, consequentemente, quase nenhuma referência sobre o que era o militarismo. O serviço militar obrigatório acabou sendo o primeiro e único contato com a caserna. Essa total inexperiência ou

¹² Formatura é um termo nativo usado para se referir às cerimônias que realizam. *Formatura* pode ser todo e qualquer evento onde a tropa é reunida em algum local, geralmente em um pátio de um batalhão. Segundo o glossário de termos e expressões para uso no Exército, o termo “formatura” se refere à “disposição de uma tropa para desfile, parada etc.”

¹³ Termo nativo usado para se referir à atividade prática na natureza ou na selva, onde simulam situações de guerra para atuar em casos de mobilização contra possíveis inimigos externos ou conflitos, chamado de Exercício no Terreno. Nesses locais onde se realizam os campos são preparadas diversas situações extremas onde devem aprender itens básicos de sobrevivência bem como caçar e se alimentar em situações atípicas. Aprendem noções básicas de cuidados médicos e socorro e formas de defesa e ataque contra inimigos.

desconhecimento acabam norteando o que será ensinado e interiorizado durante o período de *Instrução Individual Básica*.

O planejamento das atividades e do treinamento dos recrutas tem uma certa semelhança ao que é ensinado nas escolas de formação de oficiais¹⁴. Na pesquisa realizada por Celso Castro com os cadetes da AMAN é possível notar diversas semelhanças na construção do espírito militar nos cadetes assim como nos recrutas. Ambos compartilham dos mesmos valores pertencentes ao mundo militar independentemente de suas patentes. A diferença mais substancial está no fato de que os oficiais militares da AMAN serão aqueles responsáveis pela perpetuação da instituição militar, enquanto a grande maioria dos recrutas não permanecerá no exército após os 12 meses de serviço militar obrigatório.

Faço esta breve digressão para destacar que o *período de instrução básica* é destinado exatamente a ensinar as noções mais fundamentais da vida na caserna. Para aqueles que já têm alguma experiência com a rotina militar, esses ensinamentos podem parecer banais e desnecessários. No entanto, Celso Castro traz uma perspectiva que se aplica igualmente aos recrutas.

Durante o Curso Básico toda a instrução militar é planejada e ministrada tendo em vista os alunos que nunca tiveram contato com a vida militar. Mesmo os alunos da Preparatória e dos colégios militares têm que “aprender” novamente as continências, posturas e marchas. A preocupação dos oficiais é “homogeneizar” os cadetes o mais rapidamente possível em relação ao nível de formação militar, e tanto uns quanto outros insistem em afirmar que as diferenças inerentes às experiências escolares anteriores ao ingresso na Aman desaparecem em poucos meses, igualando os cadetes. (CASTRO, 2021: 38)

*

O início da instrução básica dos recrutas é marcado principalmente pelo contato imediato com a chamada “ordem unida” que tratei no capítulo 2. O ensinamento de ordem unida trará uma homogeneização ao grupo de jovens que incorporam, trabalhando diretamente sobre sua corporalidade. Ser militar implicará também possuir um certo tipo de corporalidade que pode se desdobrar nas formas de andar, gesticular e se portar em público.

Por conseguinte, a identidade militar abrange duas dimensões da vida de um militar: seu corpo e sua mente. Todo treinamento militar que busca preparar um civil para esse universo atua nessas duas dimensões. Como veremos mais adiante, ao corpo é dada uma atenção muito importante durante o treinamento, principalmente no período básico, em que buscarão incessantemente moldar seus

¹⁴ Comparação com base no livro *O espírito militar* de Celso Castro.

corpos. As atividades físicas ocorrem diariamente com o objetivo de torná-los mais resistentes, além do aprendizado exaustivo das marchas e continências.

À primeira vista, tudo isso pode parecer apenas um cuidado corporal necessário a um grupo que depende do corpo para suas atividades. De certo modo, isso é real. Militares usam bastante seus corpos nas atividades diárias, mas há uma dimensão simbólica do corpo que vai além do que se percebe à primeira vista.

Vale lembrar o que Mauss discute em seu texto sobre as técnicas do corpo, ao dedicar seu olhar antropológico a algo aparentemente apenas físico e biológico. Afinal, o que há de social em gestos e movimentos? Segundo Mauss, há muito de social nessas características. O mais importante aqui é compreender que o *habitus* "varia sobretudo com as sociedades, as formas de educação, as conveniências, as modas e os prestígios" (MAUSS, 2017: 425).

Nesse contexto, entendemos o mundo militar como uma cosmologia composta por regras e noções próprias, que o diferenciam do mundo civil. Portanto, seus *habitus* corporais são particulares, adaptando-se às conveniências e ao prestígio. Se observarmos atentamente, toda essa atenção dada ao corpo e ao modo de utilizá-lo, nesse contexto, está atrelada sempre a um teor educativo. Logo, os próprios termos como "instrução" e "treinamento" supõem um caráter educativo e de aprendizagem nessa prática. Mauss aponta que a educação, muitas vezes manifestada pela imitação, é fundamental, pois o aprendizado ocorre dentro de uma relação de confiança e autoridade. Sendo assim, tudo aquilo que envolve o corpo dentro da sociedade na qual está inserido não é algo meramente natural e atávico. Portanto, aquilo que os recrutas aprendem no mundo militar não é algo natural ou inato, mas sim uma construção social produzida para e no mundo militar.

*

A ordem unida abrange também as formas de continências¹⁵ previstas entre os militares, além das posturas a serem tomadas em determinadas situações e os tipos de marchas. A depender da situação e do tipo de circunstância, serão empregadas marchas e continências específicas. Tudo isso é apresentado aos recrutas nos primeiros dias de treinamento. Com isso, esses jovens passam uma parte considerável de suas rotinas aprendendo ordem unida e seus pormenores. A atenção dada a essa atividade e o seu grau de importância é tão grande que por vezes param somente para se alimentarem, retomando em seguida para os treinamentos. Essa ênfase na ordem unida não se justifica apenas por

¹⁵ Segundo o decreto nº 1.662, de 20 de maio de 1937, continência é: a saudação militar. É o sinal de respeito que o militar, individualmente, ou uma tropa executa para saudar ou prestar honras aos seus superiores, ao Hino Nacional e à Bandeira, à tropa e às autoridades especificadas neste regulamento.

seu papel na formação disciplinar dos recrutas, mas também por sua função estratégica dentro do universo militar.

Além disso, a ordem unida possui um valor prático dentro do universo militar. Considerando o contexto de guerra, para o qual o Exército foi criado; a ordem unida também busca promover um espírito de corpo que beneficia o grupamento em situações extremas no conflito. O Exército precisa atuar como um corpo unificado para obter êxito em momentos como estes. Portanto, esta é uma dimensão propriamente militar que não está atrelada única e exclusivamente ao caráter ideológico.

Vale acrescentar que em alguns momentos a ordem unida pode e é usada também como forma de punição aos recrutas. Por ser uma atividade monótona, cansativa e puramente mecânica, muitos são punidos pelos seus superiores hierárquicos com a ordem unida. Por exemplo, se por um acaso algum recruta descumpra alguma regra ou ordem de seu superior, comete alguma gafe ou prática indevida, é comum que este passe um bom tempo repetindo exaustivamente algum movimento da ordem unida como forma de punição sem poder para parar para descansar. Dependendo do momento do dia, isso pode acontecer debaixo de sol quente ou de chuva, tendo em vista que o objetivo neste caso é punir.

Um pelotão ou até mesmo toda a companhia também podem ser punidos com ordem unida. As razões para esse tipo de punição variam desde furtos entre colegas — algo que ocorre com muita frequência — até mau comportamento ou o não cumprimento dos padrões físicos exigidos pelo Exército. É comum que o pelotão ou a companhia fiquem em forma para uma inspeção conduzida pelo comandante do grupo. Durante essa avaliação, verifica-se se todos estão com a barba feita, os cabelos cortados, os coturnos engraxados e as fardas limpas. Um episódio ocorrido em 2012 exemplifica bem esse tipo de situação. A terceira companhia, após cumprir seu turno de serviço, estava se preparando para deixar o batalhão. Por serem recrutas, todos foram conduzidos até o portão de saída pelo sargento de dia¹⁶. No entanto, ao chegarem lá, o oficial de dia realizou uma revista no grupamento e percebeu que alguns não haviam feito a barba. Como resultado, ordenou que todos retornassem à companhia para se barbearem, pois não poderiam sair naquela condição.

Já as continências e marchas, diferentemente da ordem unida, serão parte da rotina desses recrutas. Precisarão reconhecer um militar de alta patente e como se portar, se apresentar ou cumprimentar. A obediência à hierarquia é um ponto crucial da vida militar sujeita à punição em caso de descumprimento dependendo da situação em que venha ocorrer. Além disso, caso algum recruta

¹⁶ Sargento de dia é o termo nativo dado ao militar que está em serviço de plantão naquele dia. Todos os dias, 24h por dia, sempre haverá um cabo de dia, sargento de dia e oficial de dia. São os militares que estão escalados naquele plantão.

queira se dirigir ou falar com algum superior seu, deve executar uma série de movimentos e gestos antes de falar.

Ficamos cientes do grau de importância desses gestos e movimentos ao sabermos que existe uma portaria no governo brasileiro destinada às Instruções Gerais de Continências, Honras, Sinais de Respeito e Cerimonial Militar das Forças Armadas: PORTARIA Nº 1.353, DE 24 DE SETEMBRO DE 2015. Este documento visa regular o uso das continências, honras, sinais de respeito e cerimonial militar das Forças Armadas.

*

Outra etapa importante prevista no IIB é a instrução do uso de armamento. Quando se fala em Exército ou Forças Armadas no geral, pressupõe-se um determinado grupo legitimado pelo Estado a proteger e defender a soberania do país, e parte dessa proteção e defesa é feita por meio do uso de armamentos específicos. Alguns tipos de armamentos no Brasil são de uso exclusivo das Forças Armadas. Sendo assim, os recrutas, que se tornarão soldados do exército, devem aprender a manusear esse tipo de armamento caso seja necessário empregá-lo.

No caso do exército, há um planejamento que envolve a instrução do uso de armamento que ocorre em algumas etapas. Inicialmente os recrutas são apresentados aos armamentos que terão contato sob a supervisão de um militar antigo que mostra e explica sobre seu uso e manuseio. Neste momento costuma-se manuseá-lo sem nenhum tipo de munição com o intuito de entender a mecânica e o funcionamento. Após um certo período de instrução, os recrutas serão enviados aos campos de tiro do Exército onde terão o momento de praticarem os tiros reais com o armamento (*ver figura 15*). Por questões de segurança de todos os envolvidos, há um controle rigoroso de quem e quando se atira para que não haja nenhum acidente, por se tratarem de armamentos letais.

Figura 15: Recrutas em um campo de tiro.



Fonte: <https://www.defesaaereanaval.com.br/>

A conclusão do período IIB costuma ser marcada com o chamado *exercício no terreno*, mais conhecido entre os militares e recrutas como “*campo*”. Raramente ou quase nunca se ouve alguém falar o termo “exercício no terreno”. Esse termo acaba sendo reservado aos manuais e documentos oficiais. No dia a dia dos militares, o termo nativo usado para se referir a esse evento é “*campo*”. É comum se ouvir falar: “Quando será o seu campo?”, “Nossa, o campo foi difícil!”, etc. Classifico essa etapa do treinamento como o momento mais esperado e mais marcante para os recrutas, pois a partir do momento que se entra no exército, todos ficam cientes que terão o momento de fazer o “*campo*” e são preparados para isso. Reproduzo aqui um trecho do artigo de Castro e Chinelli sobre o que se trata o *campo*:

O acampamento (o campo) é uma tentativa de simular uma situação real de combate, em que as condições de vida podem ser extremamente precárias e o esforço físico sobrecarregado. É quando se pretende fazer com que os soldados vivenciem situações limite, pondo em prática o que foi ensinado no treinamento inicial no quartel. (CASTRO e CHINELLI, 2006)

É importante ressaltar que o treinamento que ocorre em campo é essencial para todos os militares, sejam eles oficiais ou praças. Parte da formação militar consiste em preparar o indivíduo para situações de guerra e conflitos, caso venham ocorrer. Com os recrutas não é diferente, dentro de suas atribuições em caso de guerra, esses novos militares participam de simulações de combate em condições que buscam reproduzir a realidade. Esse tipo de treinamento é geralmente realizado em áreas afastadas dos centros urbanos, em locais próprios das Forças Armadas e reservados exclusivamente para essa finalidade. No caso dos recrutas de Brasília, onde realizei minha pesquisa, o treinamento em campo ocorre em Formosa (GO), uma cidade do entorno do Distrito Federal.

A preparação para o *campo* começa semanas antes e sua duração costuma ser de quatro a cinco dias. O efetivo variável, os recrutas, recebem as devidas orientações sobre o que precisarão levar consigo durante o período. Geralmente precisam comprar material de higiene pessoal, preparar kits de sobrevivência com alguns tipos de medicamentos e materiais de primeiros socorros, além de levarem fardas limpas para trocarem durante o período do campo já que não voltarão para o batalhão durante esse período. Aquelas típicas mochilas de treinamento e material de proteção são fornecidos pelo exército além do equipamento que irá simular um armamento chamado “pau de fogo” ou em alguns casos um armamento real.

A fim de detalhar um pouco essa experiência dos recrutas, irei descrever parte do que ocorreu no campo de 2012 no BPEB. Essa descrição tem como base minha experiência pessoal e registros fotográficos e em vídeo.

Em Formosa – GO tem uma área militar das forças armadas reservada para levarem os recrutas. Neste mesmo local são levados também outros militares que fazem algum curso de preparação como curso de cabo e sargento temporários, por exemplo. Em todas essas formações têm o momento de ida ao *campo*. É um local afastado da cidade onde não se tem contato com os cidadãos locais. Em completo isolamento, os recrutas passarão alguns dias no acampamento. No caso do *campo* realizado no ano de 2012, os recrutas passaram cinco dias, de segunda a quinta – feira. A ida ao campo ocorre somente uma vez com os recrutas.

Em 2012, no BPEB, os recrutas daquele ano tiveram que pernoitar no batalhão no dia anterior à ida à Formosa. Por se tratar de um efetivo muito grande com mais de 500 pessoas e para evitar problemas logísticos como faltas ou atrasos, foram todos convocados a pernoitarem no quartel. A noite serviu para os recrutas realizarem os últimos preparativos para o acampamento, como arrumar as mochilas e equipamentos, além de receberem as últimas orientações dos comandantes das companhias.

A alvorada¹⁷ naquele dia ocorreu antes mesmo do sol nascer para que todos fossem organizados e direcionado ao pátio principal onde as viaturas (ônibus, caminhões e carros) estavam aguardando o embarque. Antes de embarcarem nas viaturas, o batalhão se prepara para ouvir as palavras e orientações do comandante do batalhão que na época foi o Tenente Coronel Carlos Augusto Fecury Sydrião Ferreira. Transcrevo abaixo o que foi dito neste dia:

Os senhores iniciarão, a partir de agora, a atividade relativa ao acampamento que coroa o término da Instrução Individual Básica. Como eu disse com o efetivo profissional, a palavra-chave neste exercício, a palavra força, é ‘segurança’. Não descuidem da segurança de seus

¹⁷ Termo nativo que se refere ao momento da manhã onde todos devem sair das camas e iniciam-se as rotinas do quartel; início do dia.

armamentos! Não descuidem da segurança de seus equipamentos. Chequem constantemente como estão os equipamentos. Mantenham amarrados seus equipamentos, as suas pistolas. Os senhores permanecerão até quinta-feira no campo de instrução de Formosa e terão que prover também a segurança da área e da instalação.

Mais uma vez, tirem o serviço da melhor forma possível. A segurança de quem estiver no acampamento é de responsabilidade da guarnição de serviço. Teremos um oficial de dia, um sargento de dia e um cabo de dia, que farão a segurança do campo de instrução. Os soldados do efetivo profissional e os soldados do efetivo variável estarão de serviço.

Prestem atenção nas orientações que forem passadas em relação às medidas de segurança. Se o companheiro observar que o companheiro ao lado não está atentando para as medidas de segurança, chama a atenção dele. (Comandante do Batalhão)

Após recebermos as orientações e direcionamentos do comandante, embarcamos nas viaturas em direção à Formosa. A tensão toma conta de alguns recrutas daquele ano, pois dias antes ao evento, alguns deles foram “marcados” para serem foco de atenção durante o *campo*. Isso quer dizer que caso algum recruta tenha se destacado por algum motivo, seja por ser “peixe” de alguém, por ter mal comportamento ou malvisto pelos militares mais antigos, eles serão lembrados constantemente durante o *campo*. Isso significa que em determinados exercícios e em determinados momentos, esses recrutas “marcados” serão alvo de atenção tendo que passar por situações mais difíceis que os demais. Dentre os militares existe um termo nativo chamado “moita” que é aquele militar pouco conhecido e que passa despercebido pelos demais. Por esse motivo, costumam dizer: “quem não é visto, não é lembrado”. Essa frase é muito citada na fase que antecede o *campo*, pois aqueles recrutas que são mais conhecidos e se sobressaem de alguma forma, serão lembrados no dia e isso implica dizer que passarão por situações mais difíceis do que aqueles que são considerados “moitas”.

A chegada ao local é marcada pela conhecida marcha de 12 km. No ano de 2012 a marcha teve 12 km, mas pode ser que a distância mude dependendo do ano de instrução. A marcha é o momento em que os militares desembarcam em um local distante das instalações do acampamento e devem ir a pé até o local. Nesta ocasião todos os militares colocam suas mochilas pesadas de combate nas costas, usam o capacete balístico e seguram o armamento. A marcha ocorre em uma estrada de terra em meio à natureza. Formam-se duas fileiras, uma à direita e outra à esquerda, todos um atrás do outro (*ver figuras 16 e 17*). No meio da estrada entre as fileiras vão os militares mais antigos com seus equipamentos conduzindo e direcionando o efetivo variável naquele momento. Transcrevo abaixo a consideração da 2ª Divisão de Exército Comando Militar do Sudeste sobre o que se trata a marcha de 12 km:

O percurso de 12 km estimula o aprimoramento do condicionamento físico dos militares e a rusticidade, atributos inerentes à atividade militar, preparando dos jovens recrutas incorporados no corrente ano e tornando-os aptos para a execução de deslocamentos a pé,

assim contribuindo para a manutenção do adestramento da tropa de infantaria. (Segundo a 2ª Divisão de Exército Comando Militar do Sudeste (2023))

Figura 16: Militares realizando a marcha de 12 km



Fonte: <https://2de.eb.mil.br/>

Figura 17: Militares realizando a marcha de 12 km



Fonte: <https://2de.eb.mil.br/>

Aqui cabe adentrarmos em uma análise importante para o tema dos ritos de passagem associado ao serviço militar obrigatório. Segundo Turner, em seu texto sobre o período *liminar*, os ritos de

passagem constituem uma forma eficaz de se perceber e observar o estado de *liminaridade*. Turner afirma que “o sujeito submetido ao ritual de passagem fica, no decorrer do período *liminar*, estruturalmente, ou mesmo fisicamente, “invisível”. (TURNER, 2005:139) Existe, portanto, um ser transacional para o qual serão atribuídos nomes e um conjunto de símbolos que o identificarão como um ser *liminar*. Turner classifica o simbolismo que cerca a *persona liminar* como complexo e bizarro, pois esta acaba possuindo o caráter duplo que pode parecer contraditório. “Elas são, ao mesmo tempo, não-mais-classificadas e ainda-não-classificadas” (ibid.). Existe, nesse estado, uma condição indefinida e ambígua que paira sobre esses seres liminares nas sociedades. “Em muitos casos seus próprios nomes lhes são tirados e cada um é chamado, exclusivamente, pelo termo genérico para “neófito” ou “iniciando” (ibid.).

O jovem que entra para o serviço militar passa por vários rituais os quais reforçam sua ambiguidade e indefinição naquele universo. É comum ouvirmos dos recrutas que se sentem invisíveis ou desconsiderados pelos mais antigos. Paradoxalmente esse jovem já não é mais um civil, agora que faz parte do exército, mas ainda não é um militar na sua forma plena. Ele é apenas um *recruta*, um *conscrito*. Uma das primeiras coisas que o recruta perde ao entrar no mundo militar é o seu nome. Posteriormente receberão o “nome de guerra” pelo qual serão chamados dali em diante pelo demais militares, de maneira que muitos nunca saberão o primeiro nome do colega do lado. A perda do nome é seguida pela identificação de “recruta”, onde esse será o termo genérico para se referir ao jovem incorporado, podendo eventualmente serem chamados através de um número. Esse número costuma ser formado pelo ano que a pessoa serviu e a posição dela na lista de incorporados daquele ano. Por exemplo, no meu ano de instrução meu número foi **12162** (12 = ano, 162 = número da lista) (ver figura 18).

Figura 18: Soldado fardado com seu número no capacete.



Fonte: Acervo pessoal

Essa indefinição própria do período *liminar* que se apresenta também, de forma clara no serviço militar, atua fortemente no período de instrução básica. No *campo* a única forma de identificação é o número em seus capacetes. Em suas fardas e vestimentas não terá nenhuma outra referência a nomes ou patentes. O que se ouvirá constantemente são os números ou o nome “recruta” como forma de tratamento.

Concluída a marca de 12 km os militares chegam ao local do acampamento onde é possível notar várias tendas montadas em um espaço aberto. O único local feito de alvenaria são os banheiros, enquanto as demais instalações são feitas com tendas e barracas típicas do exército. Em 2012, assim que chegamos ao acampamento, não fomos liberados para descansar. A todo momento exigia-se de nós a “vibração”. “Vibração”, “vibrar” são termos nativos sinônimos de empolgação, isto é, exige-se dos recrutas a todo momento um alto nível de entusiasmo não permitindo que “baixem a moral”, outro termo para indicar perda de animação com o momento.

Após chegaram ao local, as companhias e pelotões são organizados para que cada agrupamento seja direcionado ao local da instrução. O campo possui diversas instruções e atividades, como caça, preparação de alimentos em locais inóspitos, além de conhecimentos sobre medicamentos e tratamento de doenças ou moléstias. Terão instruções de primeiros socorros em casos de ferimentos em situação de guerra. Terão também instruções noturnas que chamam de “progressão noturna” onde aplicarão noções básicas de referência e localização no espaço usando coordenadas geográficas. Parte das instruções também contemplam o ensino de camuflagem e caracterização (*ver figura 18*).

Durante os cinco dias no campo os recrutas tiveram atividades que se iniciavam ao amanhecer com o TFM (treino físico militar) e iam até à noite. As atividades visavam provocar um nível de exaustão e cansaço promovendo um nível de aptidão física que é importante dentro do meio militar. O corpo forte e resistente é sempre um objetivo que se busca nas atividades e tarefas diárias.

Durante o campo em 2012 houve alguns incidentes envolvendo recrutas que não conseguiram aguentar a tensão física do acampamento. Houve naquela ocasião casos de hipotermia causada pelo frio local associado às instruções onde era preciso estar com o corpo molhado. Além de pessoas que tiveram alguma intercorrência física devido ao excesso de atividades corporais. Naquele ano um recruta teve “baixa” devido a um incidente no pé onde não conseguia andar depois de horas caminhando com o coturno de couro. Obviamente que esses recrutas seriam alvo de comentários maldosos e degradantes por não terem sido fortes e resistentes o suficiente. Naquele ambiente exalta-se o soldado forte, viril e resistente que aguenta firmemente as dores e dificuldades de um ambiente insalubre.

A ida ao campo coroa a conclusão do período de instrução básica. Após sua conclusão ocorre algumas mudanças no *status* daqueles seres indefinidos e ambíguos que tratei anteriormente. Agora que passaram por mais um ritual importante para o mundo militar, começam a adquirir características

e habilidades próprias daquele universo. Esses antigos civis conseguiram passar com êxito por um momento difícil, estressor e desafiador. Aquele que resistiu bravamente à situação e conseguiu chegar até o final do ritual acaba por receber alguns traços mais concretos de um militar.

A volta ao batalhão com as roupas sujas de lama, a ponto de a estampa camuflada das fardas não ser mais visível, sinaliza a aquisição de novos elementos para a identidade militar: força, resignação, aptidão física, laços de grupo, etc. E comemoração costuma ser feita nos moldes do militarismo por meio da *vibração*, isto é, não ocorre abraços, afagos e elogios, mas demonstrações de força e resistência. Em 2012, quando chegamos do *campo*, alguns pelotões voltaram para suas companhias e em seus respectivos alojamentos, mas antes de entrarem, seus comandantes de pelotão os chamaram para ficarem em posição de flexão no chão e fazerem uma série de flexões como forma de comemorar a conclusão daquela etapa incentivando e reforçando a força física como um ponto fulcral para o soldado do exército.

Concluída o período de IIB, os recrutas estão aptos a realizarem a cerimônia de entrega da boina. Ato simbólico, portanto, mais uma etapa ritual que visa marcar a passagem para a próxima etapa: o período de instrução individual de qualificação. No próximo tópico falarei detalhadamente sobre a formatura da boina, mas considero importante tratar do que foi dito pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME) sobre a Instrução Individual Básica. Ela informa, em seu site oficial, que a IIB “visa capacitar o jovem soldado como combatente básico, desenvolvendo atributos como coragem, espírito de corpo, determinação, rusticidade, camaradagem e resiliência.”

3.1 Formatura da Boina

Como mencionei no tópico anterior, a chamada “formatura da boina” é a cerimônia militar que marca o fim do período de *Instrução Individual Básica* e o início da *Instrução Individual de Qualificação*. Depois da cerimônia de *incorporação*, essa é a segunda cerimônia mais importante do serviço militar obrigatório. Todos os batalhões do exército em todo o Brasil realizam a cerimônia de entrega da boina.

A boina, objeto central dessa formatura, é uma parte do uniforme militar chamada de “cobertura.” No caso do exército existem alguns tipos de cobertura, dentre elas, a boina, o gorro, o quepe e o capacete, por exemplo. Todos esses são usados conforme a ocasião e o grau de formalidade. A boina (*ver figura 19*) seria tipo de cobertura entre o formal e informal, sendo usada em quase todas as situações em que os militares estão fora das instalações militares. Diferentemente do gorro (*ver figura 20*), que deve ser usado somente dentro das instalações do quartel justamente por ser considerada uma cobertura mais informal.

Figura 19: Recruta usando a boina verde oliva:



Fonte: Acervo pessoal

Figura 20: Militares usando o gorro.



Fonte: <https://59bimtz.eb.mil.br/>

A cerimônia simbólica de entrega da boina ocorre geralmente entre junho e julho. Realizada em todos os batalhões do Brasil, ela marca a conclusão de uma das etapas do treinamento e, do ponto de vista antropológico, representa uma mudança de status que se consolida gradativamente ao longo do ano. A essa altura do treinamento, os recrutas já estão mais familiarizados com a rotina militar e já interiorizaram parte da corporalidade deles exigidas desde a forma de caminhar e olhar até a forma correta de marchar. Já sabem executar e assimilar os comandos dados e se tornam aquilo que os

militares chamam de “tropa adestrada”, isto é, já reconhecem de forma automática os comandos de voz e os sons de cornetas.

Em março de 2024, estive presente na cerimônia de incorporação e, alguns meses depois, no dia 21 de junho, observei a formatura de entrega da boina. A formatura deste ano teve uma particularidade que a distingue das demais que ocorrem normalmente todos os anos. Esse batalhão, onde desenvolvi minha pesquisa, realiza tradicionalmente três formaturas ao longo do ano: *a incorporação, a formatura da boina e a formatura do braçal*.

Por ser um batalhão de polícia do exército, eles usam, como parte do uniforme, um braçal de plástico na cor preta com letras brancas escrito PE (Polícia do Exército) (*ver figura 21*). E por ser uma característica que os diferencia dos demais batalhões de Infantaria do exército, costumam direcionar uma formatura específica para a entrega do braçal aos novos militares. Por esse motivo, a formatura da boina no Batalhão de Polícia do Exército de Brasília em 2024 foi particular por ter ocorrido simultaneamente com a cerimônia do braçal¹⁸ quando normalmente elas ocorrem em datas separadas. Os recrutas tiveram, em uma única cerimônia e no mesmo dia, a entrega da boina e do braçal PE. Tratarei da entrega do braçal no próximo capítulo.

Figura 21: Cerimônia de entrega do braçal PE



Fonte: <https://cma.eb.mil.br/>

As cerimônias militares, envolvendo o serviço militar obrigatório, costumam ter algumas semelhanças. Entre a cerimônia de incorporação e a cerimônia de entrega da boina existem algumas particularidades que são próprias da finalidade para a qual cada uma delas se destina. Através do meu

¹⁸ Não consegui obter informações oficiais sobre o motivo da formatura do braçal ter ocorrido juntamente com a formatura da boina. Com base na minha análise, isso pode ter ocorrido devido ao evento climático que atingiu o Rio Grande do Sul naquela época. E como os batalhões do Exército, inclusive o BPEB foram mobilizados para prestar socorro ao estado do Rio Grande do Sul, isso acabou afetando a agenda programada do batalhão para aquele ano.

relato etnográfico da cerimônia de entrega da boina e será possível notar as semelhanças e diferenças entre elas.

Por volta das 08:00 da manhã as portas do quartel foram abertas para receber o público externo que chegou para assistir à cerimônia e foram todos direcionados ao mesmo auditório do batalhão (ver *figura 22*). Diferentemente do que presenciei no dia 01 de março de 2024, notei imediatamente uma presença bem menor de militares antigos conduzindo o público ao local do evento. Presumo que isso tenha ocorrido devido ao fato de os familiares e amigos já conhecerem as instalações e já terem familiaridade com o espaço. Ao passar pela entrada principal, não tive nenhuma dificuldade em acessar o auditório onde todos aguardavam o evento. A quantidade de pessoas presentes se igualava a da cerimônia de incorporação.

Figura 22: Familiares e recrutas no auditório do BPEB



Fonte: Acervo pessoal

Uma particularidade própria dessa cerimônia foi a interação que ocorreu previamente entre os recrutas e seus familiares. Enquanto na cerimônia de incorporação os parentes e amigos não podiam ter contato algum com os recrutas antes do evento, na cerimônia de entrega da boina foi permitida a interação entre eles. Essa interação não foi apenas um privilégio concedido aos novos recrutas, mas também uma etapa importante para o momento da entrega simbólica da boina, que deve ser entregue por um parente escolhido. Por isso, foi fundamental que os recrutas tivessem esse contato prévio com seus familiares, orientando-os sobre como e onde a entrega ocorreria. Vale destacar que nessa cerimônia a diferenciação entre os recrutas e seus familiares civis estava evidente, visto que os recrutas já usavam suas fardas e coturnos como parte da vestimenta.

Após esse momento de conversas e orientações, os recrutas foram chamados e direcionados às suas companhias para se prepararem para o início da formatura. Os familiares, por sua vez, foram

direcionados às estruturas de toldos ao lado do palanque principal onde poderiam assistir em pé ao todo o evento (*ver figura 23*). Como das outras vezes, o palanque foi destinado apenas aos militares antigos que acompanhavam o comandante do batalhão, aos idosos presentes ou pessoas com deficiência.

Figura 23: Público indo em direção aos toldos.



Fonte: Acervo pessoal.

Após todos estarem devidamente posicionados nos locais corretos com o público debaixo das estruturas de toldos e atrás das proteções entre eles e o pátio, e os militares nos locais aguardando a entrada no pátio principal, dá-se início a formatura. O evento começou por volta das 09:30 da manhã e foi iniciado com a fala do militar responsável pela condução da cerimônia.

Feita a introdução e a apresentação do tema da formatura, deu início a entrada no pátio da tropa marchando e cantando. Mantendo o mesmo padrão das outras cerimônias, os primeiros a entrarem no pátio foi a banda de música do batalhão tocando canções militares para que o restante da tropa adentrasse no local. Geralmente tem uma ordem de entrada no pátio que visa posicionar as companhias em frente ao palanque. A terceira companhia, a companhia de escolta e guarda entraram pela lateral direita da Companhia de Escolta e Guarda (nº 5 da figura abaixo) enquanto a segunda companhia e a primeira companhia entraram pela lateral direita da primeira companhia (nº 8 da figura abaixo). Ao final, todos se encontraram no meio do pátio principal de frente para o palanque onde estava o comandante do batalhão. Isso pode ser exemplificado na figura 24 (*ver figura 24*).

No ano de 2012, a entrada da tropa no pátio se dava de outra forma. Todos se deslocavam, por trás dos prédios passando pelos prédios das companhias (nº 8, 7, 6, 5), depois por trás do refeitório (nº 4), aguardando ao lado do prédio onde fica localizado o presídio militar (nº 3). A entrada ocorria na rampa que fica localizada entre os prédios nº 3 e nº 2. Anexo um link de um vídeo onde é possível ver a tropa entrando no pátio principal (<https://www.youtube.com/watch?v=uKDHm-rxZaA>) .

Imagem de satélite do Batalhão de Polícia do Exército.



Figura 24: Tropa no pátio principal em frente ao palanque com o comandante.



Fonte: acervo pessoal

Durante as formaturas da boina, enquanto a tropa permanece em frente ao palanque, é comum que o comandante do batalhão faça um discurso com algumas considerações. Nesta fala, que é parte do protocolo, o comandante sinaliza que aquela formatura tem por finalidade a entrega da boina ao efetivo variável do ano corrente que concluíram o período de Instrução Individual Básica. Neste breve discurso, costuma-se destacar a importância do momento e a satisfação de ter concluído essa etapa, além do orgulho de ostentar a boina verde oliva, um dos símbolos do exército. A boina verde oliva tornou-se um símbolo do exército, representando a identidade militar e o pertencimento à Força Terrestre das Forças Armadas. E ostentá-la faz com que todos sejam reconhecidos por isso.

Além das falas que enaltecem os valores nacionalistas e patrióticos, o comandante ressalta a nova etapa em que adentram os recrutas agora que concluíram o período de *Instrução Individual Básica*. Vale lembrar que no ano de 2024, o BPEB realizou as duas cerimônias do mesmo dia. Sendo assim, foi-se celebrado a conclusão do período de *Instrução Individual Básica* e o período de *Instrução Individual de Qualificação* concomitantemente. Mas normalmente, como ressaltei, são realizadas cerimônias separadas.

A conclusão dessas duas etapas traz impactos simbólicos e práticos para os recrutas. No que diz respeito aos desdobramentos simbólicos, falarei mais adiante. Os resultados práticos dessas passagens e etapas são a possibilidade de os recrutas desempenharem funções e atividades diretas no batalhão, algo que antes das formaturas era proibido. Concluir o *período de instrução básica* significa dizer que aprenderam habilidades e adquiriram conhecimentos que deverão ser aplicados no dia a dia do quartel. Após essas etapas os recrutas serão responsáveis pela segurança e a proteção das instalações do batalhão. Farão as atividades de limpeza e manutenção do local comuns e de suas respectivas companhias.

Após o discurso do comandante para a tropa e os familiares presentes, o militar responsável pela condução da cerimônia deu início à entrega simbólica da boina. Nesse momento da cerimônia, ocorre primeiramente a entrega da boina aos recrutas destaques daquele período. É de praxe, todos os anos, que seja escolhido um recruta de cada companhia que se destacou durante o treinamento. As pessoas escolhidas demonstraram características e habilidades que as diferenciaram dos demais. Os chamados “destaques” são os primeiros a receber a boina no dia da cerimônia.

Enquanto toda a tropa aguardava no pátio a vez de seus parentes entregarem a boina, os destaques foram chamados à frente para recebê-la de seus familiares, além de também recebê-la das mãos do comandante do batalhão. Na cerimônia realizada em 2012, foram escolhidos quatro destaques (*ver figura 25*). Já em 2024, apenas dois foram selecionados. Essa diferença ocorre porque, em 2012, havia quatro companhias que hospedavam os recrutas, enquanto, em 2024, apenas a Segunda e a Terceira Companhia os hospedavam. Até o momento em que escrevo este texto, não obtive nenhuma informação oficial sobre o motivo dessa mudança entre os anos.

Neste tipo de cerimônia está prevista a ida dos “destaques” para a frente do palanque e para a frente da tropa, onde ocupam um lugar de destaque em relação aos demais. Dá-se o comando pelo militar cerimonialista: “Destaques, aos seus lugares!” e em movimentos cadenciados saem do meio da tropa e se dirigem para o local demarcado.

Figura 25: Recrutas destaques na posição para recebimento da boina



Fonte: Acervo pessoal (2012)

Ao chegarem ao local de destaque, se preparam para receberem a boina das mãos do seu parente escolhido juntamente com o comandante do batalhão que os cumprimentar e os parabeniza pela posição de destaque naquele ano. Esse momento da cerimônia tem a finalidade de ser algo diferente e especial, dado que os demais recrutas da tropa não receberão suas boinas das mãos do comandante como ocorre com os destaques., mas somente de seus parentes.

Figura 26: Recruta recebendo a boina e cumprimentando o comandante



Fonte: Acervo pessoal (2012)

Feita a entrega simbólica pelo comandante aos destaques daquele ano, o restante do público foi liberado para entregarem as boinas aos recrutas. Para isso, as proteções e barreiras montadas ao redor do pátio foram abertas permitindo a interação entre o público e os recrutas, onde todos puderam receber suas boinas e tirarem fotos e receberem abraços.

Apresento abaixo algumas fotos da cerimônia do dia 21 de julho de 2024 na quais o público realiza a entrega da boina aos recrutas.

Figura 27: Parentes tirando fotos e entregando a boina.



Fonte: Acervo pessoal

Figura 28: Recrutas tirando fotos com seus parentes



Fonte: Acervo pessoal

Figura 29: Público no pátio entregando a boina aos recrutas.



Fonte: Acervo pessoal

A entrega da boina pelos parentes e o momento de interação entre eles duraram cerca de 10 a 15 minutos. Em seguida, um sinal de corneta indicou que todos deveriam retornar às suas posições para dar seguimento à cerimônia. Naquele momento, todos os recrutas já estavam com suas boinas e se preparavam para o desfile. Vale lembrar que, nesse instante, toda a tropa se encontrava em frente ao palanque, aguardando o comando para iniciar o desfile diante do comandante. Em toda formatura militar, independentemente do tipo, há um momento de prestar continência ao comandante do batalhão (*ver figura 30*). Disponibilizo abaixo um link para o vídeo registrado no dia 21 de junho da cerimônia no BPEB:

<https://drive.google.com/file/d/10fQTSrk9OQY6ehKns4Zc92oHEFnOMO5S/view?usp=sharing>

Figura 30: Terceira Companhia desfilando em frente ao palaque do comandante.



Fonte: Acervo pessoal.

Após todo o batalhão passar em frente ao palanque prestando continência ao comandante, a cerimônia foi dada como encerrada pelo militar responsável pela condução do evento. No dia em questão o evento terminou por volta das 11:00 da manhã. Neste momento o público foi liberado do local da cerimônia e foi direcionado às companhias de seus conhecidos para que realizarem uma confraternização. Cada companhia organizou um pequeno buffet para os familiares presentes para que pudessem comemorar a etapa concluída pelos recrutas (*ver figura 31*). Após o buffet, o público deixa o batalhão e a rotina do quartel volta a sua normalidade para que todos possam cumprir suas tarefas previstas.

Figura 31 : Confraternização com os parentes



Fonte: Acervo pessoal

Capítulo 4

Instrução Individual de Qualificação (IIQ)

O período de Instrução Individual de Qualificação (IIQ) é a segunda e última fase do treinamento do serviço militar obrigatório, iniciada após a conclusão da Instrução Individual Básica, marcada pela formatura da boina.

Como o próprio nome sugere, essa etapa visa qualificar os recrutas nas atividades específicas da unidade militar à qual pertencem. As unidades militares têm atribuições e atividades que variam de acordo com a Arma à qual pertencem. O termo “Arma” é usado para se referir ao tipo de atividade fim que aquela unidade desempenha nas Forças Armadas em casos de guerra e combate bem como em suas atividades diárias em tempos de paz. As Armas se dividem em dois grupos: *Armas-Base* e *Armas de Apoio ao combate*. As Armas-Base são formadas pela *Infantaria* e *Cavalaria*, enquanto as Armas de Apoio ao Combate são formadas pela *Artilharia*, *Engenharia* e *Comunicações*. Dentro de um cenário de guerra, prevendo uma melhor atuação no campo de batalha, cada Arma possui uma função que visa beneficiar o exército como um todo.

Assim sendo, cada unidade militar possui uma finalidade e atribuições. Como minha pesquisa ocorreu em um batalhão de Infantaria, falemos desta Arma para exemplificar:

A Infantaria define o combatente a pé, aquele que pode deslocar-se por qualquer tipo de região e que conquista, ocupa e mantém o terreno, em operações ofensivas e defensivas; pela variedade de missões o infante também tem suas especializações, tais como: de selva, blindado, de montanha, paraquedista, Polícia do Exército e muitas outras” (FUNDAÇÃO CULTURAL EXÉRCITO BRASILEIRO, 2024, Armas, Quadros e Serviços]

Assim, a Infantaria é caracterizada pelo combate a pé em tempos de guerra. É a primeira da linha de frente que se desloca em direção ao inimigo. O militar que pertence a esta Arma é chamado de “infante”, o qual, conhecido pela sua capacidade física e força, progride no terreno em pequenas frações, tendo mais facilidade em não ser visto. Essa é uma descrição quase conceitual do que seria a Arma de Infantaria, mas há também as características psicológicas e mentais desta Arma que foram sendo construídas socialmente com o passar do tempo e que estão além da sua atuação em combate. Veremos isso mais adiante.

Os militares de Infantaria são geralmente considerados de ótima condição física, capazes de suportar as condições mais adversas do combate. Por isso, é exigido que o treinamento em batalhões de Infantaria busque reforçar essas características e desenvolvê-las nos novos integrantes sejam eles militares de carreiras ou recrutas. Portanto, essa valorização da força física começa nas escolas de formação dos militares de carreira, se estendendo também ao treinamento do efetivo variável. Além

disso, os batalhões de Infantaria frequentemente são conhecidos por promoverem mais atividades físicas do que outras unidades militares. Usando um termo nativo, o infante é o militar que “vibra”. “Vibrar”, dentro da cosmologia militar, representa um estado mental de forte empolgação e compromisso com a missão ou atividade designada. Enquanto aquele que não “vibra” é um chamado de “acochambrado”.

Mas para além dos atributos físicos e práticos dos infantes, aquilo que lhes é exigido em situação de combate, há o “espírito militar” que atua também na dimensão psicológica e mental, isto é, “tendo em vista a situação ideal de combate, os membros das diversas Armas devem apresentar, no cotidiano, características homólogas às que são exigidas naquela outra ordem de realidade” (CASTRO, 2021: 93). Portanto, os militares de cada Arma devem demonstrar e exibir características psicológicas que remetam ao ambiente de guerra e conflito e, portanto, à sua Arma.

Vale lembrar que a pesquisa realizada por Celso Castro com militares do Exército focou principalmente nos cadetes da AMAN, enquanto minha pesquisa concentrou-se nos recrutas que ingressam pelo serviço militar obrigatório, que fazem parte da categoria “praça”. Ao refletir sobre o texto de Castro sobre o espírito militar desenvolvido nos jovens cadetes da AMAN, é possível traçar paralelos com a formação dos recrutas. Segundo minha análise, essa semelhança ocorre porque os oficiais combatentes responsáveis pelo treinamento dos soldados foram, em algum momento, cadetes da AMAN e, conseqüentemente, reproduzem o que foi aprendido e interiorizado na academia militar. Por isso, afirmo que o mesmo espírito militar presente nos cadetes também se manifesta no treinamento dos recrutas observados em minha pesquisa.

Sendo assim, a Infantaria, em situação de não-combate, é aquela que se preocupa com o físico e com a rusticidade entre seus membros. O infante é aquele militar que deve suportar o sono, o frio, a fome e a dor. Por conseguinte, espera-se a todo tempo estas características na vida cotidiana. Por serem os militares da linha de frente, acabam valorizando a força física e a virilidade, mais do que qualquer outra habilidade intelectual como acontece nas Armas de apoio, por exemplo. Por esse motivo, Castro traz uma observação interessante sobre como se constrói a imagem desses militares que pertencem a essas Armas. No caso da Infantaria e Cavalaria, possuem a fama de “burros” ou “pouco inteligentes”, pois aquilo que mais se exige, na maioria das vezes, é o preparo físico e a “vibração”, enquanto as Armas de Engenharia e Artilharia acabam sendo consideradas áreas que exigem mais dedicação intelectual do que física.

Para exemplificar o que descrevo acima, trago um relato pessoal vivenciado durante o serviço militar obrigatório em 2012. Naquela época, eu ainda não havia assumido minha homossexualidade e, por questões internas, buscava não transparecer características que pudessem ser interpretadas como incompatíveis com o ambiente militar. Dentro do círculo em que estava inserido, era conhecido por ser um militar muito limpo, organizado, educado e visto como inteligente, o que me dava certa

notoriedade entre os colegas. Contudo, as características mais comuns entre os recrutas daquele ano eram o apego à virilidade, a pouca preocupação com a higiene pessoal e um comportamento avesso à educação e delicadeza.

Por diversas vezes, sofri retaliações por ser mais educado, cuidadoso e por me expressar de maneira mais formal. Certa vez, fui advertido por me sentar de pernas cruzadas e ouvi que “um militar não deve sentar daquela forma.” A todo momento, exigia-se de mim uma rusticidade que eu tinha muita dificuldade em adotar de forma natural. Por essas e outras razões, fui rotulado como “gay” durante esse período, apenas por não apresentar as características esperadas de um infante — mesmo que, de fato, minha orientação sexual tenha sido confirmada posteriormente.

Durante o período de Instrução Individual de Qualificação, as características ideias mencionadas tornam-se mais evidentes e interiorizadas nos recrutas. Muitos deles já incorporaram parte da linguagem e dos comportamentos característicos daquele universo e passaram a se portar conforme o padrão exigido. Isso inclui vestir-se de determinada maneira, caminhar de forma mais “militarizada” e, sempre que possível, saírem fardados do quartel. Um dos aspectos mais marcantes desse processo socialização que ocorre com os recrutas é a adoção de gírias e expressões próprias do universo militar no vocabulário cotidiano. Embora parece natural, todo esse processo foi construído por meio de uma educação rígida através de figuras de autoridades.

Contudo, essa adaptação não ocorre com a totalidade dos recrutas. É comum encontrar alguns que têm dificuldade em se adequar à rotina e ao ambiente militar e o processo de adaptação não foi bem-sucedido, ainda mais considerando que alguns foram obrigados a cumprirem esse serviço militar. Durante minha pesquisa e vivência no meio militar, ouvi relatos de pessoas que eram frequentemente detidas por problemas relacionados à hierarquia e à disciplina. Além disso, há recrutas que são malvistas pelos colegas e superiores por não demonstrarem espírito de corpo ou camaradagem já que são atributos valorizados pelos militares. Essa falta de integração muitas vezes resulta em punições. Esses recrutas, na maioria das vezes, deixam o Exército assim que terminam o período obrigatório do serviço militar, seja por vontade própria ou por decisão da instituição em não os engajar.

Durante o período IIQ, no caso do Batalhão de Polícia do Exército, uma unidade militar de Infantaria, os recrutas aprendem executar atividades específicas desta unidade. Como mencionado no início deste texto, esta unidade militar atua na vigilância de instalações militares, na manutenção da disciplina e da ordem, realiza a custódia de presos militares, faz controle de trânsito nos arredores dos quartéis, bem como a segurança de autoridades e, se necessário, combate como Infantaria. Dependendo da situação, o batalhão pode atuar na Garantia da Lei e da Ordem (GLO) com o pelotão de choque apresentando no início deste trabalho (*rever a figura 6*).

No caso da vigilância de instalações, os recrutas serão responsáveis em proteger as instalações do quartel 24 horas por dia atuando em esquema de plantão. Diariamente as seções administrativas das

companhias definem os militares que “tirarão serviço”. Ao definirem a escala do dia seguinte, os militares escalados iniciam seu serviço às 08:00 da manhã e finalizam às 08:00 do dia seguinte.

Parte do serviço prestado pelo batalhão à comunidade militar é a segurança na vila militar que fica nos arredores dos quartéis em Brasília. Por ser uma área residencial de militares, esses militares realizam rondas a pé ou em viaturas, além de fazerem a segurança de instalações na área do plano piloto onde residem outros militares do alto.

Por terem uma atuação de polícia dentro do Exército, os recrutas aprendem a como manter a disciplina e a ordem de outros militares caso necessário. Aprendem também como custodiar presos militares que ficam sob responsabilidade da PE. Aprendem a atividade controle de trânsito que é executada diariamente no Setor Militar Urbano (*ver figura 32*). Todas essas atividades são divididas e organizadas em esquemas de escalas de serviço pelas seções administrativas do batalhão.

Figura 32: Militar da PE fazendo controle de trânsito.



Fonte: bpeb.eb.mil.br

O período IIQ costuma ter uma duração menor em relação ao IIB. Geralmente ele é finalizado nos meses de julho e agosto do ano corrente no qual o militar estará apto a executar plenamente as tarefas e atividades da unidade. Enquanto estão em período de treinamento, certas tarefas não são executadas pelos recrutas, principalmente aquelas que são realizadas fora do batalhão, pois essas atividades exigem conhecimentos aprendidos durante o período de qualificação.

O fim do período de Instrução Individual de Qualificação no BPEB é marcado pela cerimônia de entrega do braçal PE, momento em que os recrutas recebem o braçal PE para ostentá-lo em seu fardamento. No ano da minha pesquisa, a cerimônia de entrega do braçal dos recrutas ocorreu no mesmo dia da entrega da boina conforme a descrição do evento no capítulo anterior. Quando realizada separadamente, todos os protocolos e procedimentos são os mesmos das demais formaturas mudando somente objetivo da cerimônia que, neste caso, seria a entrega do braçal.

Transcrevo abaixo um texto oficial publicado nas redes sociais pelo setor de comunicação do BPEB por ocasião da formatura de entrega do braçal:

O BATALHÃO BRASÍLIA realizou a formatura de entrega do Braçal aos novos policiais do Exército. Receber o Braçal PE representa, antes de tudo, o coroamento do período de formação do militar que atua nas Organizações Policiais Militares do Exército. O Braçal PE é o principal símbolo da Polícia Militar. Ostentá-lo no braço direito significa o dever de cumprir e fazer cumprir normas e regulamentos como cuidado, abnegação, firmeza, educação, coragem, disciplina e energia, quando necessário. Parabéns, novos Policiais do Exército pela conquista! Continue no caminho do dever! Missão dada, missão completa!

Tendo cumprido com sucesso as duas etapas principais do treinamento, os recrutas do BPEB passam a ser divididos e direcionados àquelas atividades que tenham mostrado mais aptidão dentro das várias divisões e seções dentro do batalhão. Alguns serão direcionados para atividades administrativas e burocráticas, outros podem ser direcionados ao canil que existe nesta unidade, local destinado ao treinamento dos cães farejadores usados em algumas missões militares, outros irão para as atividades logísticas como a de alimentação, auxiliando no refeitório e preparo de alimentos, alguns podem ir para as oficinas mecânicas trabalhar na manutenção de viaturas e outros podem fazer parte da banda de música caso o recruta saiba tocar algum instrumento musical (*ver figura 33*). Após a divisão de tarefas e atividades, os recrutas passarão os próximos cinco meses restantes trabalhando e atuando mais ativamente no batalhão.

Figura 33: Banda de Música do BPEB



Fonte: Acervo pessoal

No início do texto, mencionei alguns aspectos antropológicos que tornam o serviço militar um grande rito de passagem. Durante os meses de observação e pesquisa, ficou evidente que os recrutas passam por diversas etapas e estágios, como a cerimônia de incorporação, a ida ao campo, a formatura da boina e, posteriormente, a formatura do braçal, no caso específico dos recrutas do BPEB. Essas etapas, se analisadas detidamente, não se resumem a simples protocolos ou procedimentos formais do Exército. São, na verdade, rituais naturalmente estruturados para marcar a transição gradual destes jovens rumo ao *status* de militar que precisam alcançar. A cada avanço, novas características são interiorizadas e novos aprendizados assimilados à essa nova identidade.

A essa altura do treinamento, aquele sentimento de medo e invisibilidade costuma se atenuar. A relação entre os recrutas e seus instrutores começa a ter um tom mais pessoal e profissional, de modo que eles passam a ser vistos como militares de fato, embora esse tratamento ainda não seja integral. Nesse momento, costuma ocorrer a integração dos recrutas ao universo do qual já fazem parte. Isso quer dizer que, à medida que avançam nessa transformação, passam a ser incorporados em algumas atividades do batalhão que antes eram proibidos de executar. Ou seja, realizar as tarefas próprias de um soldado PE simboliza esse processo de incorporação ao mundo militar.

Turner, em sua obra, argumenta que “o sujeito submetido ao ritual de passagem fica, no decorrer do período *liminar*, estruturalmente, ou mesmo fisicamente, ‘invisível’” (TURNER, 2005: 139). No contexto do serviço militar obrigatório, parte do período *liminar* se encerra ao final da Instrução Individual de Qualificação onde estão presentes alguns *ritos de agregação*, momento em que os recrutas se tornam aptos a executarem as tarefas e atividades inerentes à sua função de soldado, algo completamente vedado no momento da incorporação.

Durante a incorporação, esses sujeitos liminares — os recrutas — tornam-se “invisíveis” no sentido estrutural descrito por Turner. Eles perdem seus nomes civis, suas características individuais — corte de cabelo, brincos ou piercing — e todo o reconhecimento ou respeito que possuíam enquanto civis — não importando se eram ricos ou pobres, amigos ou “peixes” de algum outro militar. Estes indivíduos, segundo Turner, vivenciam uma “invisibilidade” estrutural de caráter duplo: “elas são, ao mesmo tempo, *não-mais-classificadas* e *ainda-não-classificadas*” (Ibid., p. 140). Partindo da ideia que a instituição “Exército” é uma estrutura e é dentro dela que o neófito vivencia essa invisibilidade, o recruta, ao ingressar no Exército, deixa automaticamente de ser um civil, ou seja, ele perde esse *status*, mas ao mesmo tempo ainda não pode ser e não é considerado plenamente um militar. Ele deverá percorrer o período *liminar* deste rito de passagem para alcançar o *status* de “militar”. Nesse estado *liminar*, ele assume formas de nomeação específicas dessa condição transitória, como “recruta”, “conscrito” ou “iniciando”.

Outra característica estruturalmente negativa dos seres transicionais é a de não terem nada. Não têm *status*, propriedade, insígnia, vestimenta secular, graduação, posição de parentesco, nada que possa distingui-los, estruturalmente, de seus companheiros. (TURNER, 2005: 143.)

Enquanto estiver no período *liminar*, o recruta não poderá usar insígnias em seu fardamento, além de ter restrições parciais quanto ao uso da farda em determinados locais fora do batalhão. No universo militar, a ausência de insígnias no fardamento permite identificar facilmente o recruta nesse estágio.

Com isso, ressaltamos dois aspectos importantes sobre o serviço militar obrigatório:

(1) O próprio serviço militar obrigatório é um grande rito de passagem, no qual a total agregação do recruta ao mundo militar ocorre quando ele alcança o engajamento. Nesse momento, ele gozará plenamente do *status* de soldado.

(2) Dentro do serviço militar obrigatório, ocorrem diversos ritos de passagem em um processo cíclico. O recruta passa por *ritos de separação*, *ritos de margem* e *ritos de agregação* dentro deste período de 12 meses, muito embora nunca possa gozar plenamente do *status* de militar se não passar pelo processo de engajamento.

É possível constatar o que foi descrito por meio das fotos a seguir. Na figura 34, temos um recruta fardado ostentando o braçal PE, já tendo concluído os *ritos de agregação*. Contudo, não há nenhuma insígnia em sua lapela. Qualquer militar que olhar para este soldado saberá que se trata de um recruta, mesmo que ele ostente a boina e o braçal. Já na figura 35, vemos um militar, mais especificamente um sargento, cujo fardamento exibe uma insígnia na lapela. Qualquer militar que olhar para ele saberá que se trata de um militar em sua plenitude.

Figura 34: Recruta fardado sem o brevê na lapela



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 35: Militar fardado com brevê na lapela



Fonte: encorebr.com

No próximo capítulo, abordarei o processo de saída do recruta após a conclusão dos 12 meses obrigatórios. Como foi tratado ao longo do texto, no serviço militar obrigatório, alguns jovens ingressaram de forma obrigatória, enquanto outros entraram por vontade própria por meio da chamada “peixada”, termo nativo usado para designar aqueles que obtêm benefícios por meio de amigos ou conhecidos dentro da instituição, embora essa última forma de ingresso seja considerada não-oficial pela instituição..

Após o período obrigatório, aqueles que permanecerem no Exército estarão na categoria de serviço militar voluntário, pois optaram por "engajar", podendo permanecer nesse regime por, no máximo, oito anos. Caso desejem seguir carreira na instituição, conforme mencionado anteriormente, deverão ingressar em alguma escola preparatória por meio de prova ou concurso.

A saída do Exército segue um processo semelhante ao da incorporação. Assim como houve a cerimônia de incorporação no início do serviço militar, ao final do período obrigatório de 12 meses é realizada a chamada *cerimônia de baixa*¹⁹, destinada aos recrutas que concluem essa etapa.

¹⁹ “Baixa” é o termo usado para se referir a saída do Exército. Todos aqueles que saem, deram baixa no Exército.

Capítulo 5

O fim do serviço militar obrigatório

Segundo a Lei nº 4.375, a duração máxima do serviço militar obrigatório é de doze meses. Já o serviço militar voluntário para o soldado engajado pode durar até oito anos. É importante lembrar que esses militares, que ingressam por meio do serviço militar voluntário, não podem ter uma carreira estável na instituição. Caso queiram seguir carreira na instituição, devem ingressar em alguma escola de formação de praças ou oficiais, disponíveis em alguns estados do Brasil, por meio de prova de seleção como é o caso da AMAN.

Uma vez finalizada a carreira militar temporária como soldados, após cumprirem suas obrigações legais com o Estado, eles deverão regressar à vida civil, porém na categoria de reservistas do Exército. Diferentemente daqueles dispensados no momento do alistamento, eles receberão o documento de reservista, que atesta sua passagem pelas Forças Armadas, sendo classificados como reservistas de 1º e 2º grau e considerados soldados graduados na reserva mobilizável, aptos a serem convocados em casos de conflito ou guerra.

Assim como a cerimônia de incorporação realizada no início do serviço militar obrigatório, marcada pela entrada simbólica dos novos recrutas pelo portão, o fim do serviço militar e a saída do Exército também são oficializadas através da chamada *cerimônia de baixa*. Essa cerimônia tem como ápice a saída simbólica pelo portão principal, onde foi realizada a primeira entrada simbólica no mês de março. E diferentemente das outras cerimônias abertas ao público, das quais pude participar enquanto antropólogo, esta foi restrita e realizada apenas entre os militares da unidade. Mas não se trata de uma particularidade da cerimônia do ano de 2024. No ano de 2012 a cerimônia também foi restrita aos militares. Trata-se de uma cerimônia fechada ao público externo. Parte do material obtido para a pesquisa advém da minha experiência pessoal em 2012 e das informações disponibilizadas pelas fontes oficiais do batalhão.

No caso dos recrutas do BPEB incorporados no ano de 2024, com os quais realizei minha pesquisa, a cerimônia de baixa ocorreu no dia 17 de janeiro de 2025. No dia em questão, tive acesso a um texto publicado nas redes sociais do batalhão feito pelo setor de comunicação social do batalhão. O conteúdo do texto traz elementos importantes do ponto de vista dos rituais, e traz à luz o olhar nativo sobre o evento. Sendo um rito de passagem sob a perspectiva antropológica, o texto ressalta o teor ideológico e educativo do serviço militar obrigatório bem como a aquisição de características do espírito militar por parte dos recrutas:

No dia 17 de janeiro de 2025, o Batalhão Brasília realizou a cerimônia de formatura para o licenciamento da 1ª baixa dos Soldados do Efetivo Variável incorporados em 2024. Em

conformidade com o Plano Regional de Licenciamento do Exército Brasileiro, foram licenciados 66 soldados, que integravam o Batalhão de Polícia do Exército de Brasília (BPEB). Durante a cerimônia, o Comandante do BPEB expressou sua gratidão aos reservistas pelos relevantes serviços prestados à Nação brasileira ao longo do ano de instrução, destacando os valores e os atributos que desenvolveram no período que serviram no Batalhão Brasília. O evento foi encerrado com a saída simbólica dos militares licenciados pelo Portão das Armas. UMA VEZ PE, SEMPRE PE!

No que diz respeito à cerimônia, sua estrutura e execução seguem o mesmo padrão das demais descritas ao longo deste trabalho. Todas possuem o mesmo formato, variando apenas quanto ao objetivo central do evento (formatura de incorporação, formatura da boia, formatura do braçal, etc.). Como nas demais formaturas, todo o batalhão realiza a entrada, marchando, no pátio principal ao som de canções militares tocadas pela banda de música. A tropa se posiciona em frente ao palanque do comandante, que faz as últimas considerações sobre a baixa do efetivo variável daquele ano. Este momento costuma ser marcado por falas de agradecimentos e exaltações do espírito militar adquirido durante esse período. Os recrutas, por sua vez, vestem as mesmas roupas que usaram no dia do ingresso — camisa branca ou preta — como parte do simbolismo da cerimônia (*ver figura 37*). Usar as roupas iguais ao que usaram no dia da incorporação simboliza o retorno dos recrutas à vida civil. A própria cerimônia se caracteriza como um *rito de separação* no qual os recrutas são novamente reincorporados no mundo civil e ‘separados’ do mundo militar.

Figura 37: Cerimônia de baixa do efetivo variável de 2024



Fonte: Instagram do BPEB

Portanto, cerimônia de baixa, dentro da perspectiva dos rituais, representa um *rito de separação* no qual aqueles que não permaneceram no Exército serão novamente reincorporados ao

mundo civil. Mas é também um *rito de agregação* para aqueles que seguirão engajados no Exército como soldados. Estes últimos, por sua vez, alcançaram o *status* completo de militar e adentraram plenamente o mundo sagrado (mundo militar), concluindo o grande rito de passagem que é o serviço militar obrigatório. Após esse momento, esses soldados poderão ostentar o brevê de soldado em suas fardas, algo vedado ao recruta durante o serviço militar obrigatório.

Ao fim da cerimônia todo o batalhão forma o corredor ao longo do pátio em direção à porta de entrada por onde os militares da baixa deverão passar. O ato de saída do batalhão se assemelha ao de entrada no dia da incorporação. Abaixo, as figuras ilustram esses momentos: a figura 38 mostra a entrada simbólica, enquanto a figura 39 mostra a saída simbólica.

Figura 38: Entrada simbólica no pátio.



Fonte: bpeb.eb.mil.br

Figura 38: Saída simbólica do batalhão



Fonte: Instagram do BPEB

Daquele momento em diante, todos seguirão suas vidas normalmente, optando por trajetórias que não precisam, necessariamente, ter ligação direta com o mundo militar. Mas ao mesmo tempo é importante ressaltar a força do processo de ressocialização pelo qual esses jovens passaram durante esse período. Os relatos etnográficos recolhidos nos demonstram o quão eficaz é o processo de construção do espírito militar considerando a origem social desses jovens.

A cerimônia de baixa pode ser dois desdobramentos possíveis nesse contexto. Pode marcar o fim da vida militar para alguns desses jovens que optarão por outras trajetórias pessoais, como é o caso deste antropólogo que vos escreve, mas marca para alguns o início da carreira militar que pode se desdobrar de outras formas. Durante minha experiência no Exército, conheci diversos recrutas que, ao concluírem o período obrigatório, tiveram uma grande identificação com o mundo militar e que prestaram exames e provas para ingressar como militares de carreiras em escolas de formação ou para outra categoria militar como é o caso da Polícia Militar.

Casos como esses demonstram que esse processo de construção da identidade militar que se dá pela via do serviço militar obrigatório pode ser duradouro e permanente. Parte do que foi interiorizado irá acompanhá-los ao longo da vida e servirá como forma de perpetuação dos símbolos sagrados do mundo militar.

Considerações finais

Começo minhas considerações finais citando em forma de frase o título do livro de Mariza Peirano por considerá-lo emblemático para o que esta pesquisa se propõe: *Rituais ontem e hoje*. Este título nos remete a um questionamento importante sobre o qual a antropologia se debruçou durante muito tempo: Os rituais estão presentes na vida cotidiana de sociedades que vivem em grandes metrópoles e grandes centros urbanos? Os rituais deixam de existir à medida que a vida secular se torna soberana no cotidiano? Se os rituais ainda existem, qual o valor dele hoje?

Não pretendo dar respostas a essas perguntas, pois já dispomos de trabalhos antropológicos primorosos a respeito. Meu objetivo é tão somente unir-me a essas vozes para mostrar que os rituais ainda estão presentes em nossas vidas, mas acima de tudo que eles são importantíssimos para que a vida em sociedade seja possível. Claro que os rituais não são os únicos responsáveis pela coesão social e a vida em sociedade, mas eles são, sem dúvida, parte importante daquilo que é próprio dos seres humanos, esses seres sociais.

Conviver durante 12 meses com alguns recrutas e militares e me aprofundar em seu universo me faz perceber ainda mais que os rituais não estão restritos apenas às sociedades históricas ou sociedades indígenas tradicionais como alguns poderiam pensar. Eles estão presentes em nosso cotidiano, até mesmo em um centro urbano capital de um país como o Brasil, onde frequentemente se trata de temas como política, economia e educação, símbolos do estado laico racional moderno.

A grande contribuição da antropologia, neste caso, foi relativizar a nossa crença de que somos seres exclusivamente racionais e lógicos, enquanto, por outro lado, as sociedades indígenas e históricas seriam irracionais e místicas. Por mais estranho que isso possa parecer, os rituais ainda estão presentes no seio da sociedade brasileira. Diante do equívoco que esta noção suscita, pudemos ver que a vida urbana, assim como a vida em sociedades isoladas, é profundamente atravessada pelos rituais — sejam eles ritos de passagem, ritos funerários e ritos festivos.

O ritual deve ser considerado, portanto, um fenômeno social dentro das sociedades as quais são capazes de revelar as representações e valores de determinados grupos. Além disso, “os rituais são bons para transmitir valores e conhecimentos e também para resolver conflitos e reproduzir as relações sociais” (PEIRANO, 2003:10). “E por meio das análises de rituais, podemos observar aspectos fundamentais de como uma sociedade vive, se pensa e se transforma” (Ibid, p. 51). Seja entre os *Ndembu*, seja entre os recrutas do Exército Brasileiro, todos se valem dos rituais para transmitir seus valores e conhecimentos, e transitarem entre seus mundos simbólicos. Por isso, nem sempre os rituais estarão atrelados ou circunscritos ao mundo religioso, mas fortemente presentes em momentos e situações da vida secular.

Pesquisar os soldados do Exército, mais especificamente os recrutas do serviço militar obrigatório, evidencia uma lacuna na bibliografia antropológica voltada para esse grupo a partir do ponto de vista dos rituais. Na grande maioria das vezes as pesquisas priorizam os oficiais que compõem o alto escalão do Exército Brasileiro, enquanto os soldados — uma classe temporária dentro das Forças Armadas — raramente são objeto de estudo da antropologia.

Essa abordagem etnográfica, que priorizou o ponto de vista dos próprios recrutas e dos militares sobre suas experiências, deixou ainda mais evidente esse mundo tido por eles como sagrado em contraposição a um mundo profano. É uma dualidade real que estrutura a vida na caserna e a organiza na sociedade na qual está inserida. Como pudemos ver, entre esses dois mundos, há incompatibilidades que impedem a circulação entre eles e para que ela possa minimamente acontecer, são necessários ritos de passagem — *separação, margem e agregação* — para mediar esse contato entre sagrado e profano.

Olhar para o mundo militar a partir dos rituais fez com que esta pesquisa não se detivesse sobre as questões sociais ou políticas envolvendo os militares, apesar da sua relevância para o contexto brasileiro no ano de 2024. O foco estava em entender como uma parcela da sociedade brasileira experiencia um rito de passagem em um momento tão significativo da vida em sociedade completando a maior idade e acessando a vida adulta por meio do mundo militar.

Assim sendo, no mundo moderno também há passagens e mudanças nos *status* sociais dos indivíduos das mais variadas formas e nos mais variados contextos. E no caso do universo militar, vimos que os ritos de passagem atuam eficazmente na passagem do mundo civil para o mundo militar contribuindo para a manutenção e preservação dessa cosmologia, independentemente dos valores e ideologias que a permeiam. Os rituais foram importantes *ontem* e ainda *hoje* são fundamentais para que a vida em sociedade sejam elas sociedades tradicionais ou sociedades modernas.

Referências

- BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- BRASIL. *Decreto nº 1.662, de 20 de maio de 1937*. Dispõe sobre [aprova o regulamento de continências, sinais de respeito, honras e cerimonial militar para o Exército e a Armada]. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 20 maio 1937.
- BRASIL. *Exército Brasileiro. 2ª Divisão de Exército Comando Militar do Sudeste*. Cia C/11ª Bda Inf Mec realiza marcha de 12 km. Disponível em: <https://2de.eb.mil.br/index.php/ultimas-noticias/2285-cia-c-11-bda-inf-mec-realiza-marcha-de-12-km>. Acesso em: 24 nov. 2024.
- BRASIL. *Lei nº 1.860, de 4 de janeiro de 1908*. Organiza a Justiça Militar. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 4 jan. 1908. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1900-1909/lei-1860-4-janeiro-1908-580934-publicacaooriginal-103780-pl.html>. Acesso em: 30 jan. 2025.
- BRASIL. *Lei nº 2.556, de 26 de setembro de 1874*. [Título ou descrição da lei, se disponível]. *Diário Oficial do Império do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 set. 1874. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/leimp/1824-1899/lei-2556-26-setembro-1874-589567-norma-pl.html>. Acesso em: 30 jan. 2025.
- BRASIL. *Lei nº 4.375, de 17 de agosto de 1964*. Dispõe sobre o serviço militar e dá outras providências. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 21 ago. 1964. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4375.htm. Acesso em: 30 jan. 2025.
- BRASIL. *Lei nº 4.984, de 18 de maio de 1966*. Dispõe sobre o exercício da profissão de músico e dá outras providências. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 20 maio 1966. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/l4984.htm. Acesso em: 30 jan. 2025.
- BRASIL. *Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Portaria nº 1.353, de 24 de setembro de 2015*. Aprova as Instruções Gerais para Aplicação do Regulamento de Continências, Honras, Sinais de Respeito e Cerimonial Militar das Forças Armadas (IG 10-60). *Diário Oficial da União*: seção 1, nº 184, p. 30-31, 25 set. 2015. Disponível em: http://www.sgex.eb.mil.br/sg8/002_instrucoes_gerais_reguladoras/01_gerais/port_n_1353_cmdo_eb_24set2015.html. Acesso em: 30 jan. 2025.
- CASTRO, Celso. *Espírito militar*. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- CASTRO, Celso; CHINELLI, Fernanda. *Serviço militar obrigatório: o ponto de vista dos recrutas*. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 30., 2006, Caxambu. *Anais [...]*. Caxambu: ANPOCS, 2006.
- DOS SANTOS, Vinicius Tadeu Vieira Campelo. *O debate parlamentar (1868-1874) para elaboração da Lei do sorteio militar no Brasil Império*. *Temporalidades*, v. 12, n. 2, p. 446-470, 2020.

- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- EXÉRCITO BRASILEIRO. *Comando de Operações Terrestres. Manual de Campanha: Glossário de termos e expressões para uso no exército*. 4. ed. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2019.
- EXÉRCITO BRASILEIRO. *Comando de Operações Terrestres. Manual de Campanha: Ordem Unida*. 4. ed. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2019.
- FUNDAÇÃO CULTURAL EXÉRCITO BRASILEIRO. *História e Patrimônio Cultural*. Disponível em: <https://www.funceb.org.br/search-results?q=Armas%2C+Quadros+e+Servi%C3%A7os&type=pages>. Acesso em: 24 dez. 2024.
- LANGDON, Jean. “Rito como conceito chave para a compreensão de processos sociais”. In: *Antropologia em primeira mão*. PPGAS/UFSC, 2007.
- LEACH, Edmund. Once a Knight is Quite Enough: Como Nasce um Cavaleiro Britânico. *Mana*, v. 6, n. 1, p. 7-22, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/w6FN4KhjYQ9kBgDY3ZzwVdJ> . Acesso em: [01 de jan. 2025].
- LEIRNER, Piero de Camargo. *Meia volta, volver: Um estudo antropológico sobre a hierarquia militar*. 1995.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: UBU, 2017
- MOLINA, Silvana de Fátima Lima; DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. *Ser oficial combatente do Exército: uma delegação transgeracional? Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 29, p. 43-52, 2012.
- PEIRANO, Mariza. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- TURNER, Victor. *Betwixt and Between: O período liminar nos “ritos de passagem”*. Niterói: EDUFF, 2005.
- VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Editora Vozes Limitada, 2019.